



A Guerra do Paraguai na imprensa ilustrada e no Arquivo Montenegro



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

150



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



A Guerra do Paraguai na imprensa ilustrada e no Arquivo Montenegro



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE

- 150 -



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

A Guerra do Paraguai na imprensa ilustrada e no Arquivo Montenegro



CIPSH
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES
CONSEIL INTERNATIONAL DE LA PHILOSOPHIE ET DES SCIENCES HUMAINES

UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2026

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1ª Secretária: Luciana Coutinho Gepiak
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: A Guerra do Paraguai na imprensa ilustrada e no Arquivo Montenegro
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 150
- Composição & Paginação: do autor
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, 2026

ISBN – 978-65-5306-137-8

CAPA: Batalha de Boqueirão de Piris – *Album de la Guerra del Paraguay* – Arquivo Montenegro

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

Livro vinculado à Ação de desenvolvimento – O Arquivo Montenegro no acervo da Biblioteca Rio-Grandense: História e Arte – promovida junto ao Centro de Memória, Documentação e Hemeroteca Sindical “Florestan Fernandes”-CEMOSi, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP – Câmpus Presidente Prudente, sob a supervisão da Profa. Dra. Paula Ferreira Vermeersch.

SUMÁRIO

Solano Lopez como arquétipo do inimigo na imprensa ilustrada gaúcha e no Arquivo Montenegro / 11

Registros imagéticos da Guerra do Paraguai na *Sentinela do Sul* e na coleção documental de José Arthur Montenegro / 85

Solano Lopez como arquétipo do inimigo na imprensa ilustrada gaúcha e no Arquivo Montenegro

Desde a sua deflagração, a Guerra do Paraguai foi um tema profundamente debatido em meio à sociedade brasileira. A sua duração relativamente longa em relação às intervenções brasileiras no exterior à época imperial, o emprego significativo de força humana para as ações militares, a mobilização política e econômica em torno da causa do confronto bélico e ampla discussão do tema em meio à imprensa periódica foram alguns dos fatores que marcaram a tamanha repercussão do evento. Um elemento constitutivo em comum acerca de tais discussões foi a personificação do enfrentamento em torno de um personagem específico, ou seja, o líder paraguaio, Francisco Solano Lopez, tornou-se o arquétipo do inimigo.

Tal perspectiva se estabelecia a partir da própria conformação das forças que se articularam para enfrentar o conflito, com a reunião de Brasil, Argentina e Uruguai, na Tríplice Aliança, contra o Paraguai. Nessa e em muitas outras ocasiões, o Império Brasileiro buscou reforçar a ideia de que a guerra não fora movida contra o povo guarani e, supostamente, teria o sentido oposto, de libertar tal população daquilo que era considerado como o jugo tirânico daquele que era propalado como o

ditador paraguaio. Ficava então estabelecido um discurso que trazia consigo um ato de comunicação, cujo desafio consistia em influenciar as opiniões no sentido de obter adesões, rejeições ou consensos¹. Este estudo visa a abordar duas fontes históricas em que Solano Lopez era guindado à categoria de adversário máximo da nacionalidade brasileira, ambas presentes no acervo da Biblioteca Rio-Grandense. A primeira é o periódico *A Sentinela do Sul*, representante inicial da imprensa ilustrada sul-rio-grandense² e o Arquivo Montenegro, coleção documental formada por José Arthur Montenegro acerca da Guerra do Paraguai.

***A Sentinela do Sul*, a Guerra do Paraguai e Solano Lopez**

A imagem constitui um ponto fundamental nas formas de comunicação humana. Mesmo entre as civilizações articuladas e letradas, ela desempenhou papel marcante na inter-relação informativa entre as pessoas e para a imprensa foi atrativo bastante cobiçado. No que tange às lides jornalísticas do século XIX, o uso da imagem

¹ CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 40.

² Versão ampliada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Imprensa caricata rio-grandense-do-sul e Guerra do Paraguai: imagem, informação e conflito discursivo In: *II Congresso Internacional de Estudos Históricos: Imprensa, História, Literatura e Informação*. Rio Grande: FURG, 2007. p.245 – 264.

representou significativo avanço, nem sempre atingido a contento, uma vez que as condições tecnológicas permitiam, na maioria das vezes, apenas a inserção de desenhos normalmente reduzidos no tamanho e/ou, quando maiores, repetidos correntemente para demarcar uma determinada seção ou ainda na parte dedicada aos anúncios, como no caso da impressão dos clichês. Já nas décadas finais daquela centúria, a fotografia dava seus passos iniciais, entretanto a sua incorporação ao jornalismo constituiria um processo que ainda levaria muito tempo para consolidar-se. Esse espaço para a utilização da imagem a serviço da imprensa seria então ocupado pelas folhas ilustrado-humorísticas que encontrariam grande popularidade à época.

No caso brasileiro, a caricatura expressa através de periódicos publicados explicitamente com tal fim teria um avanço inexorável e com maior ênfase a partir da segunda metade do século XIX e, nas últimas décadas deste, se espalharia pelas províncias. Essas publicações, além do norte editorial que normalmente lhes caracterizavam, ligado ao humor, à ironia e ao espírito crítico, viriam a ser também um razoável veículo de informação. Mesmo não contando com a credibilidade típica dos longevos e tradicionais diários, tais folhas conseguiam trazer até o leitor algo que aqueles não podiam, pois, exemplificativamente, ao passo que os diários

tinham de desenvolver longos parágrafos para descrever determinado evento, aos ilustrados, bastava um desenho bem elaborado. Nesse sentido, além de reproduzir caricaturalmente várias estruturas e circunstâncias da sociedade brasileira, essa imprensa trazia a lume a descrição imagética de determinados episódios.

Um dos eventos que mais ocupou espaço junto ao jornalismo brasileiro dos Oitocentos foi o mais duradouro conflito internacional em que o país se envolveu à época – a Guerra do Paraguai. Durante tal confronto, a imprensa exerceria um papel fundamental na divulgação dos acontecimentos no cenário da guerra. Os jornais eram o grande veículo de comunicação, apesar das naturais defasagens temporais entre o acontecer e o saber, frutos dos meios tecnológicos então disponíveis. Assim, ainda que atrasadas em relação ao desencadear dos fatos, as notícias sobre o teatro de operações eram avidamente esperadas pelo público leitor, ainda mais por tratar-se do mais grave confronto militar no qual o Estado Nacional Brasileiro até aquele momento participara.

Os periódicos diários, mais perenes e longevos, sustentadores de um caráter predominantemente noticioso, ao menos como muitos gostavam de propalar, eram os que normalmente contavam com maior credibilidade de parte dos leitores. Mas, diante do esforço de guerra e do combate ao inimigo em comum, houve uma

mobilização que perpassou por toda a imprensa, no sentido de reunir esforços para diminuir os temores e esclarecer dentro do possível a população. Nessa linha, os jornais imbuíram-se de um espírito público de prestar informações e despertar a fé patriótica dos cidadãos brasileiros, na resistência ao adversário externo, em um processo que acabou por atingir o conjunto de praticamente todas as folhas que circulavam no país, desde os jornais diários aos representantes da pequena imprensa.

Ainda que a Guerra do Paraguai tenha sido o mais notório dos conflitos platinos dos quais participou o Brasil, a política intervencionista brasileira no Prata constituiu uma recorrência histórica, herança ainda dos confrontos da era colonial. Nesse quadro, as guerras entabuladas contra o Uruguai e a Argentina estenderam-se desde a época da formação dos estados nacionais na região, perpassando praticamente pelo quase meio século que se seguiu. Normalmente as intervenções brasileiras no território de seus vizinhos tinha o intento de derrubar governantes com os quais houvesse algum desacordo de interesses, colocando em seu lugar outros, da confiança do Império. Quase à metade da década de sessenta do século XIX, o Brasil levava a efeito, mais uma vez, a política que considerava saneadora e liberalizante em relação a outro de seus países limítrofes, espocando a Guerra da Tríplice Aliança que

antepunha o Império Brasileiro aliado às Repúblicas Argentina e Oriental contra o Paraguai.

O confronto bélico em que se envolveram esses quatro países não teria as mesmas características de outras das intervenções promovidas pelo Brasil, pois, ao contrário do que se esperava, o conflito que deveria ser breve, saneando o Paraguai de seu mau governante, segundo a concepção brasileira, não o foi, e arrastou-se por um período demasiado longo, levando a perdas humanas e materiais significativamente pesadas para os participantes da guerra. A Guerra do Paraguai tem sido profundamente discutida pela historiografia, no entanto, em síntese, pode-se considerar que ela adveio de uma série de interesses conflitantes no cenário internacional e regional. Desde o imperialismo britânico e seu antagonismo para com o “mau exemplo” dado pelo “autônomo” Paraguai em relação à tradicional dependência aos ingleses, até os “famigerados” intentos do “ditador” paraguaio em promover o “Grã-Paraguai”, entre tantas outras, foram muitas as explicações que buscaram encontrar as razões para aquele derramamento de sangue que durou quase meia década.

A participação da Inglaterra nas relações diplomáticas e bélicas dos países latino-americanos é um fator inquebrantável ao longo do século XIX. Entretanto, os interesses dos países diretamente envolvidos no conflito se fizeram presentes no

desencadear dos fatos. O Império Brasileiro tinha amplos objetivos estratégicos no território paraguaio, mormente no que tange à navegação dos rios que permitiam um contato mais perene com o centro-oeste brasileiro, além da busca pela manutenção de uma tão disputada hegemonia sub-regional na América do Sul. A Argentina empreenderia uma aberta guerra de conquista territorial para com o Estado Guarani. A República Oriental do Uruguai tinha como mandatário um governante cuja ascensão devera-se a mais uma das intervenções brasileiras, advindo diretamente daí sua participação no conflito. Já o Paraguai, paulatinamente, estava abandonando o isolacionismo da época de Francia e, sob os Lopezes, buscava garantir seu espaço nas delicadas inter-relações que marcavam a teia diplomática sul-americana.

Movida por interesses múltiplos, a Guerra da Tríplice Aliança significaria um momento de inflexão para a história brasileira, promovendo fenômenos que, somados a outros, levariam à degradação do Estado Monárquico, culminando, décadas mais tarde, com a mudança na forma de governo. Durante o confronto, principalmente em seus primeiros anos, houve uma espécie de esforço de guerra no Brasil, o qual trouxe reflexos inclusive na vida política nacional com a prática de uma série de iniciativas conciliatórias entre os partidos políticos. Além disso, a imprensa também exerceria

um papel fundamental naquele tipo de esforço, movendo forte campanha em prol da causa brasileira, buscando justificar as atitudes nacionais e dos aliados e deslegitimar os atos do adversário. Esse processo não se restringiu apenas à dita imprensa séria, de modo que a pequena imprensa também participaria ativamente da mobilização, caso inclusive dos jornais ilustrado-humorísticos.

Nesse quadro, mesmo os periódicos ilustrados se mobilizaram no sentido de manter o público o melhor informado possível, estampando figuras e redigindo textos que levassem a um melhor entendimento do que estava a ocorrer. Tal imprensa participaria assim da guerra que se travou dentro do confronto maior, quer seja, uma verdadeira batalha de informações e contrainformações. Além do caráter informativo, desenvolver-se-ia uma verdadeira guerra de palavras e de imagens, estabelecendo o confronto discursivo contra o inimigo. A luta através de folhas impressas se concentraria contra a figura do governante paraguaio, Francisco Solano Lopez, eleito como o inimigo número um dos jornais brasileiros. As reações do periodismo estavam a refletir a própria atitude governamental, uma vez que o Império Brasileiro, em suas manifestações públicas sempre buscara sustentar que a guerra estava sendo promovida contra o “ditador” paraguaio e não contra o povo desse país, sobre o qual o Império argumentava que queria libertá-lo.

Nas trincheiras do discurso, os periódicos brasileiros, desde as grandes cidades, até os mais recônditos lugarejos, agiam como veículos propagadores da guerra contra o “déspota guarani”.

A grande popularidade que atingiu a imprensa ilustrado-humorística no século XIX, levou a um processo de proliferação desse gênero jornalístico através das diversas províncias³. No Rio Grande do Sul esse fenômeno não seria diferente e, nas maiores cidades gaúchas, foram muitos os hebdomadários dedicados à caricatura que à época floresceram. O mais antigo destes jornais no cenário rio-grandense foi *A Sentinela do Sul*, editada na capital da província, a partir de 7 de julho de 1867.

³ A respeito do periodismo ilustrado-humorístico brasileiro, ver: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. t. 80. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917. p. 583-609; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LOBATO, José Bento Monteiro. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 3-21.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; SINZIG, Pedro. *A caricatura na imprensa brasileira: contribuição para um estudo histórico-social*. Petrópolis: Vozes, 1911.; SOUZA, Jonas Soares de. A vitrine do imaginário: periódicos ilustrados no século XIX. *Documentos*. v. 3. n. 6. Campinas: B.C.M.V, jul/dez. 1991. p. 33-43.; TÁVORA, Araken. D. *Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.; e WERNECK, Humberto. *A revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000. p. 78-88.

Eram proprietários da folha caricata Júlio Timóteo de Araújo e Manoel Felisberto Pereira da Silva, a sua impressão foi realizada na Litografia Imperial de Emílio Wiedmann, enquanto as ilustrações ficavam a cargo de Inácio Weingärtner, que atuava como gravador naquela empresa. A *Sentinela* apresentava-se como jornal ilustrado, crítico e jocosório e, com humor, lembrava que seria publicada diariamente, com exceção dos dias de semana, custando, primeiramente, 9\$000 por semestre, 16\$000 por ano e \$440 réis o número avulso, passando, mais tarde, a 12\$000 e 14\$000 anuais, respectivamente para os assinantes da capital e de fora dela⁴.

Fazendo uso das marcas registradas dos semanários ilustrado-humorísticos, quer seja, o humor e a ironia, em seu primeiro número, *A Sentinela do Sul* apresentava seu norte editorial, divulgando seu programa. Dizia a folha que todos os jornais e todas as publicações periódicas têm o costume de apresentarem ao público – que considerava como uma respeitável entidade que piamente vai engolindo as *araras* da imprensa e honradamente paga as suas assinaturas – um programa, no qual minuciosamente detalham tudo quanto pretendem, ou as mais das vezes não pretendem fazer em sua espinhosa carreira e no

⁴ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-14 e 16.

desempenho dessa árdua mas honrosa missão que é um sacerdócio e que quase sempre conduz ao martírio. Afirmava que ela não poderia pecar pela omissão de tal dever, e conquanto não fosse muito dada a essas frases altissonantes, que constituem o característico dos tais “programas”, não queria deixar de seguir a regra geral (7 jul. 1867). Lembrava, assim os conteúdos programáticos normalmente emitidos pelos representantes da imprensa dita séria.

Mantendo o caráter marcadamente irônico, o primeiro caricato rio-grandense anunciava que entrava na arena – ressaltando que este era um termo obrigatório em matéria de programa –, e que seus redatores estariam armados de pena e de *crayon*, e dispostos a sustentar a luta contra o indiferentismo do público e com a falta de assinaturas, estes dois inimigos principais que quase sempre perseguem as empresas dessa ordem. A *Sentinela* buscava assim conquistar os assinantes que sustentassem aquela proposta editorial, destacando estar disposta a “maçar” os seus leitores todos os dias, com a única exceção dos de semana e os santificados, através de oito páginas mistas, isto é, de texto e de gravuras, nas quais abrangeria tanto quanto lhe fosse possível, as ocorrências da respectiva semana (7 jul. 1867).

O hebdomadário revelava ainda em seu programa que a crítica seria naturalmente o elemento principal da publicação a partir dali

encetada, anunciando que a mesma seria manejada com discernimento, e que nunca passaria das raiais da justiça e da honestidade. Garantia que, quando a *Sentinela* ferisse, o faria com razão e nos limites da decência, uma vez que, a arma do ridículo nunca seria empregada contra o que fosse nobre, belo e grande. Lembrando o contexto histórico então vivido, destacava também que as honras, as glórias, as alegrias da pátria achariam eco fiel na *Sentinela do Sul*, que se esforçaria para dar aos seus leitores não só os retratos e biografias dos pró-homens da época e da situação guerreira, mas também vistas do teatro da guerra (7 jul. 1867).

O gênero ao qual se integrava não era esquecido no programa da *Sentinela*, ao destacar que a caricatura não poderia faltar; pois ela seria o sal ático da publicação, que em tom joco-sério diria muitas verdades, e, fiel ao antigo princípio *ridendo castigare mores*, se esforçaria com desenhos e palavras para castigar o crime, a hipocrisia, a ignorância e a vilania, no que elas têm de mais caro – seu amor próprio (7 jul. 1867), chamando atenção, desse modo, para uma outra das características das folhas ilustradas da época, ao proclamarem a si mesmas como moralizadoras da sociedade, visando a notificar a população e orientá-la quanto aos desmandos, desvios e mazelas que porventura se fizessem presentes.

Fazendo jus ao estilo dos periódicos críticos, a folha orgulhava-se de ser direta e incisiva em seus

dizeres, destacando que bem viam os leitores que não se fazia uso de rodeios, nem era seguido o estilo dos “programas” de outras muitas publicações, que quase sempre se apresentavam macias e melífluas, para depois deitarem os manguitos de fora. O semanário complementava tal ideia afirmando que, desde logo, iria dizendo o que era e o que queria, tendo a convicção íntima de que o favor do público constantemente a acompanharia na senda que pretendia percorrer, uma vez que seriam tomadas por norte a razão, a justiça e o patriotismo (7 jul. 1867). Ainda que buscasse distinguir-se da imprensa dita séria, a *Sentinela* intentava também demarcar que não seria uma representante da pasquinagem, prática jornalística, normalmente marcada pela linguagem chula, pelos ataques pessoais e pelo anonimato, características que muitas folhas objetivavam descartar de suas intenções editoriais.

No que tange aos padrões gráficos, *A Sentinela do Sul* declarava que a execução artística do periódico seria sempre digna de entrar em comparação com a das folhas ilustradas da Corte, destacando que, conquanto não fosse senão um pobre provinciano, esperava merecer simpatias muito além da província que lhe servia de berço natal. Anunciava ainda que a publicação e expedição do semanário seria feita com toda a regularidade, e a sua redação se declarava pronta para receber e estampar em suas colunas todos e

quaisquer escritos e desenhos que não fossem contrários a sua tendência. Afirmava também que tinha por redatores diversos e, por colaboradores todos em geral que soubessem escrever ou desenhar e quisessem honrar a direção com a sua coadjuvação. O próprio hebdomadário destacava seu pioneirismo, afirmando que se tratava da primeira folha ilustrada que saía na Província do Rio Grande, diante do que esperava que não lhe faltaria a proteção do público (7 jul. 1867).

A qualidade gráfica da folha advinha do bom trabalho como gravador, retratista e calunguista promovido pelo seu ilustrador. Exemplo desta qualidade seria o próprio cabeçalho do semanário, considerado como uma composição equilibrada e inteligente, levada a termo com segurança técnica e bom gosto real. A gravura do frontispício mostrava ao fundo uma vista panorâmica da cidade de Porto Alegre, destacando-se, no primeiro plano, à direita, a figura de um índio – símbolo americano e brasileiro – e, à esquerda, em referência à Guerra do Paraguai, um acampamento militar, a cuja frente aparecia um gaúcho a cavalo, em trajes típicos que se tornariam tradicionais, completando a alegoria, além de outros elementos decorativos, uma cartela, ao centro, em que se inscreve o lema *Audacem fortuna juvat* e, ao alto, em letras de caprichoso corte, o título da publicação⁵.

⁵ FERREIRA, p. 17.



O estilo da publicação trazia um caráter ameno do espírito crítico por ela emitido, característica pouco comum aos periódicos do mesmo gênero de então. Tal característica era até certo ponto incomum, em se tratando de uma publicação caricata, de cuja natureza normalmente se poderia esperar ora o dito ferino, ora a galhofa demolidora, distinguindo-se assim da quase totalidade da imprensa rio-grandense, cujo timbre consistia na irreverência. Assim, as penas desabusadas e contundentes não chegaram a brilhar nas colunas da *Sentinella*, sendo até rechaçadas com energia e indignação, uma vez que o jornal, ainda que se rotulasse de crítico e jocoso, era sério também. O *Redator* da folha, muitas e muitas vezes representado nas páginas do semanário, com sua

cartola e quase sempre acompanhado de seu auxiliar, um jovem negro, o *Piá*, assumia os ares aconselhados pela decência, não dando granja ao moleque, a quem apenas permitia perguntas discretas. Séria e/ou humorística, *A Sentinela do Sul* abria espaço para um gênero que ganharia repercussão no Rio Grande do Sul do século XIX, mas, mantendo o caráter muitas vezes pouco longo de desse tipo de publicação, já passava por dificuldades em agosto de 1868, vindo a desaparecer em janeiro do ano seguinte⁶.

Tendo em vista a época em que circulou, coincidente com o desenrolar da Guerra do Paraguai, *A Sentinela do Sul* foi fiel a seu princípio, assumido no programa, de esforçar-se para dar aos seus leitores não só os retratos e biografias dos pró-homens da época e da situação guerreira, mas também vistas do teatro da guerra. Nesse sentido, o hebdomadário dedicou um grande número de textos e gravuras relatando o assunto do momento. Foram muitas as cenas de batalhas, retratos e mapas estampados em suas folhas, bem como várias foram as colunas normalmente dedicadas a apontar aspectos biográficos dos atores participantes no cenário bélico de então.

Nesse contexto, a Guerra da Tríplice Aliança constituiria tema recorrente às páginas da *Sentinela do Sul*, sempre atenta aos acontecimentos bélicos.

⁶ FERREIRA, p. 19 e 26-27.

Durante o primeiro ano de existência da folha caricata, foram pouquíssimas as edições que não fizeram referências diretas à guerra, chegando a mais de noventa por cento a proporção de números que continham matérias específicas sobre o confronto. Além disso, ao longo dos cinquenta e dois números editados nos primeiros doze meses do periódico, quase sempre, em pelo menos uma de suas oito páginas havia uma referência ao conflito. Essas constatações podem ser observadas a partir dos seguintes gráficos:

Gráfico 1 – Proporção de edições em que aparecem ("c/ref.") e não aparecem ("s/ref.") matérias referentes à Guerra do Paraguai, levando em conta um ano de publicação da *Sentinela do Sul* (em %)

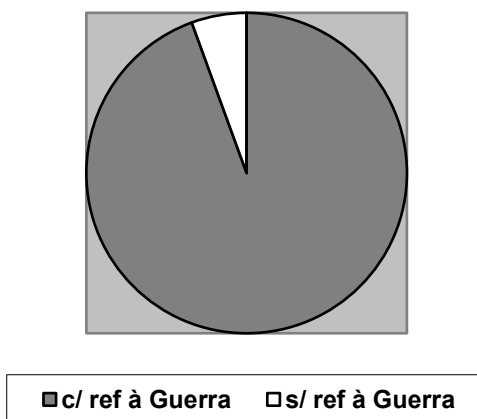
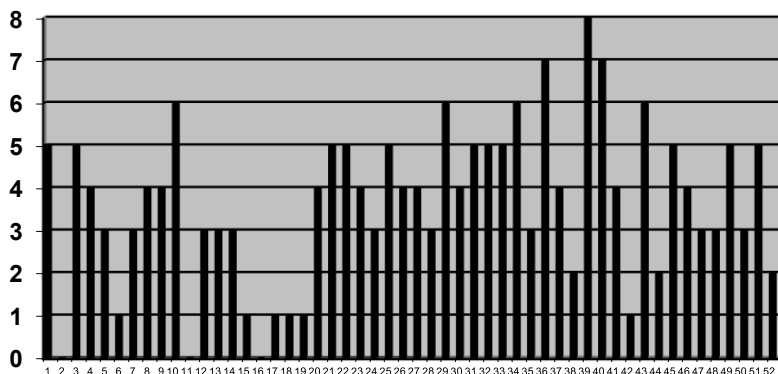
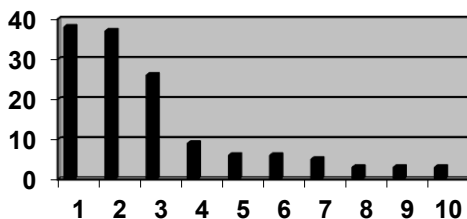


Gráfico 2 – Quantidade de páginas em que aparecem matérias referentes à Guerra do Paraguai por número (de 1 a 52), levando em conta um ano de publicação da *Sentinela do Sul* (em números absolutos)



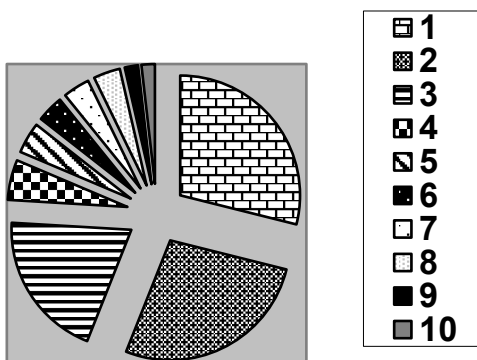
Foram várias as formas pelas quais a Guerra do Paraguai foi apresentada nas páginas da *Sentinela do Sul*. Além da própria marca registrada da folha, quer seja, a caricatura, as maiores inserções ocorreram no sentido de destacar os atores no teatro da guerra, quer seja, os militares, o que ocorreu através da publicação de considerável quantidade de retratos e biografias de tais indivíduos. Avisos, reproduções de fotografias, explicação de gravuras, narração de episódios de guerra, desenhos com cenas de guerra e com mapas e plantas, além de críticas, poesias e alegorias foram outras modalidades de referência à Guerra da Tríplice Aliança na *Sentinela*. A distribuição dessas matérias e as preponderâncias no que tange à sua publicação podem ser observadas por meio dos seguintes gráficos.

Gráfico 3 – Número de edições em que aparecem os principais tipos de matéria referentes à Guerra do Paraguai, levando em conta as ocorrências em um ano de publicação da *Sentinel* (em números absolutos)



1 = retratos 2 = biografias 3 = caricaturas 4 = aviso 5 = cenas de batalha 6 = explicação de gravuras 7 = narração de episódios de guerra 8 = reprodução de fotografias 9 = mapas/plantas 10 = outros

Gráfico 4 – Proporção em que aparecem os principais tipos de matéria referentes à Guerra do Paraguai, levando em conta um ano de publicação da *Sentinel* (em %)



1 = retratos 2 = biografias 3 = caricaturas 4 = aviso 5 = reprodução de fotografias 6 = explicação de gravuras 7 = narração de episódios de guerra 8 = cenas de batalha 9 = mapas/plantas 10 = outros

A preocupação da *Sentinela do Sul* quanto à publicação de informações e retratos sobre personagens participantes no conflito entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai era tão grande que, pelo menos em nove de suas edições, ela publicaria um aviso categorizado como urgente pelo qual a folha buscava uma mobilização em torno de obter dados a respeito dos militares presentes no cenário da guerra. No aviso, a redação do jornal pedia a todas as pessoas, que possuísem retratos de oficiais e praças, que houvessem se distinguido no enfrentamento com o Paraguai, a confiar-lhe os ditos retratos por algum tempo, acompanhando-os das respectivas notas biográficas, a fim de que se pudesse estampar, tanto os retratos como as biografias, em suas colunas, fazendo ainda igual pedido às famílias de oficiais que tivessem morrido no teatro da Guerra (19 jan. 1868; 2 fev. 1868; 9 fev. 1868; 16 fev. 1868; 29 mar. 1868; 3 maio 1868; 7 jun. 1868; 21 jun. 1868; e 28 jun. 1868). O seguinte quadro apresenta os nomes dos militares que tiveram seus retratos e/ou biografias publicados nas páginas da *Sentinela*:

Militares que tiveram publicados seus retratos e/ou dados biográficos no primeiro ano de circulação da <i>Sentinela do Sul</i>	
Retratos*	Biografias*
O herói do Rio Grande, Tenente-General Manoel Luís Osório, Barão do Herval, vencedor do Passo da Pátria, de Tuyuty e Estero Bellaco	Osório

A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO
MONTENEGRO

O heroico vencedor de Curuzu, Tenente-General Visconde de Porto Alegre, Comandante em Chefe do 2º Corpo de Exército	O Visconde de Porto Alegre
O Marechal do Exército, Marquês de Caxias, Comandante em Chefe do Exército Aliado em operações contra a República do Paraguai	Caxias
O General Antonio de Souza Netto, falecido na campanha contra o Paraguai	General Netto
Luiz Antonio de Vargas, salvando a bandeira do seu batalhão no combate de São Borja, em 10 de janeiro de 1865	Luiz Antonio de Vargas
O General José Joaquim de Andrade Neves, o herói do dia 31 de julho e 3 de agosto	O General Andrade Neves
O finado Marechal de Campo Barão de São Gabriel	O Marechal Barão de São Gabriel
O Capitão Ignácio Joaquim de Camargo	O Capitão Ignácio Joaquim de Camargo
O General David Canabarro	O Brigadeiro Honorário David Canabarro
O Coronel Tristão José Pinto	O Coronel Tristão José Pinto
O General Victorino [Victorino José Carneiro]	O General Victorino

Monteiro	
O General Sampaio	O General Sampaio
O Major Francisco Cardozo da Costa (falecido no Paraguai em 19 de janeiro de 1867)	O Major Francisco Cardozo da Costa
O General João Manoel Menna Barreto	O General João Manoel Menna Barreto
O Coronel André Alves Leite de Oliveira Bello	O Coronel André Alves Leite de Oliveira Bello
O Tenente Coronel Manoel José de Alencastro	O Tenente Coronel Manoel José de Alencastro
Coronel José Antonio Dias da Silva	Resenha dos serviços do Coronel José Antonio Dias da Silva, extraída de sua fé de ofício
O Coronel Carlos Neri, na frente da sua barraca no Paraguai	Retratos [Coronel Carlos Neri]
O Vice-Almirante Joaquim José Ignácio	Retratos [Vice-Almirante Joaquim José Ignácio]
O Coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita	O Coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita
O Capitão Joaquim José Edolo de Carvalho	O Capitão Joaquim José Edolo de Carvalho
O Coronel Salustiano e seus dois filhos	O Coronel Salustiano Jeronymo dos Reis
O Visconde de Tamandaré	O Visconde de Tamandaré

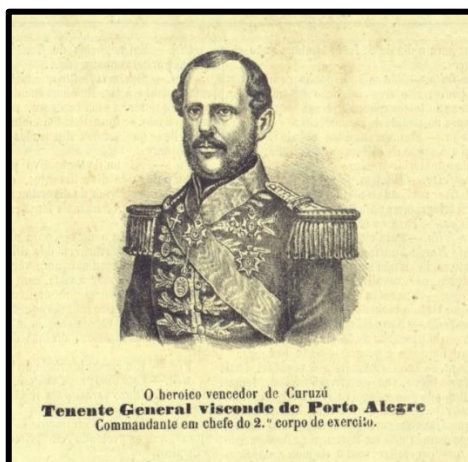
A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO
MONTENEGRO

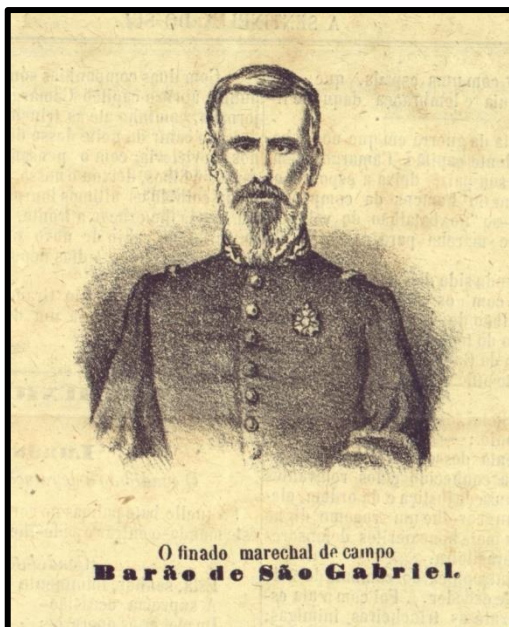
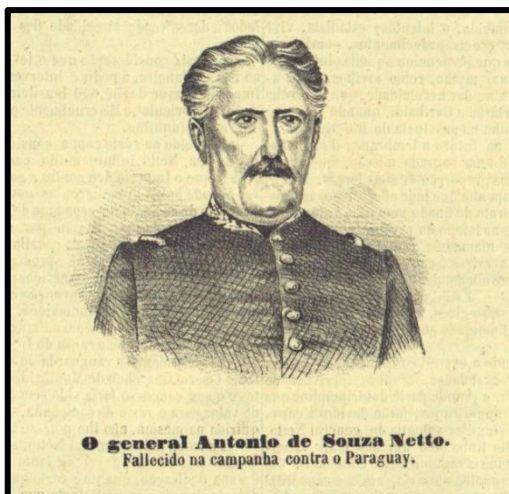
O Tenente Abrelino Apolinário de Moraes	O Tenente Abrelino Apolinário de Moraes
O Coronel Pedro Maria Xavier d'Oliveira Meirelles	O Coronel Pedro Maria Xavier d'Oliveira Meirelles
O Tenente-Coronel Dr. Luiz Ignácio Leopoldo D'Albuquerque Maranhão	O Tenente-Coronel Dr. Luiz Ignácio Leopoldo D'Albuquerque Maranhão
O Coronel José Alves Valença	O Coronel José Alves Valença
O Capitão Julião José Tavares	O Capitão Julião José Tavares
O Vice-Almirante Barão do Amazonas	O Barão do Amazonas
O Alferes Carlos Kersting, falecido no Paraguai	O Alferes Carlos Kersting, falecido no Paraguai
2º Tenente de Artilharia José Bernardino Bormann e Tenente do 7º Batalhão de Voluntários Guilherme Paulo Bormann	Dois valentes [José Bernardino Bormann e Guilherme Paulo Bormann]
O Tenente-Coronel José Antonio da Silva Lopes e o Alferes João Rodrigues da Silva Lopes	O Tenente-Coronel José Antonio da Silva Lopes
O Tenente-Coronel Antonio do Rego Duarte	O Tenente-Coronel Antonio do Rego Duarte
O Major João Carlos Abadie	O Major João Carlos Abadie

O Coronel Antonio da Silva Paranhos	O Coronel Antonio da Silva Paranhos
O 1º Tenente Bibiano Costallat	O 1º Tenente Bibiano Costallat
D. Bartolomeu Mitre	D. Bartolomeu Mitre
O Coronel João Niederauer Sobrinho	O Coronel João Niederauer Sobrinho
O Coronel José de Oliveira Bueno	O Coronel Honorário José de Oliveira Bueno
O Marquês de Caxias	
O Capitão Christovão Baum	Christovão Baum
O Capitão Joaquim Sabino Pires Salgado	O Capitão Joaquim Sabino Pires Salgado
O Tenente Germano Hasslocher	O Tenente Germano Hasslocher
O Major José Maria Guerreiro Victória	O Major José Maria Guerreiro Victória
	O sr. Conde de Porto Alegre
O Tenente Martiniano Soares de Azambuja Almeida	O Tenente Martiniano Soares de Azambuja Almeida
O Coronel Astrogildo Pereira da Costa	O Coronel Astrogildo Pereira da Costa
O Tenente Agostinho Ribeiro da Fontoura	O Tenente Agostinho Ribeiro da Fontoura
O Coronel Caetano Gonçalves da Silva	

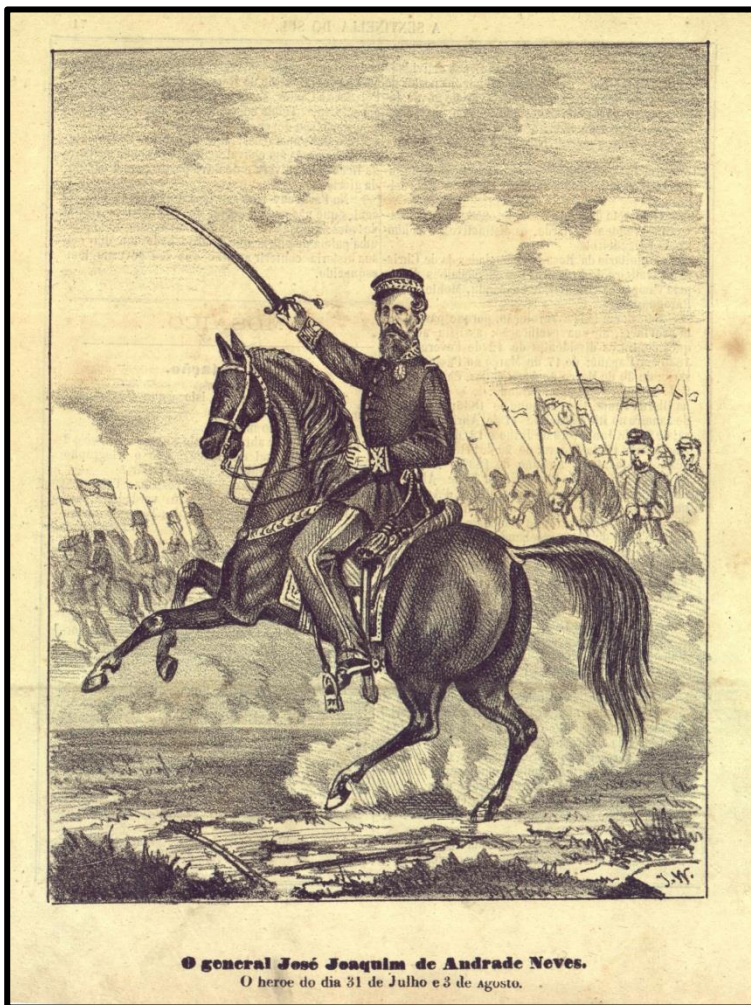
* na identificação dos retratados e biografados foram utilizados os próprios títulos estampados pelo jornal

A título de exemplo, abaixo seguem alguns dos retratos de militares gaúchos que participaram da Guerra do Paraguai, os quais foram estampadas nas páginas da *Sentinela do Sul*:



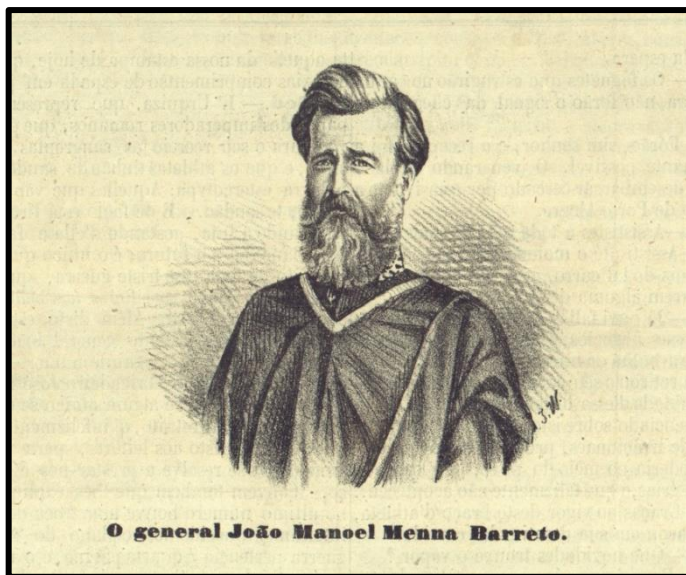
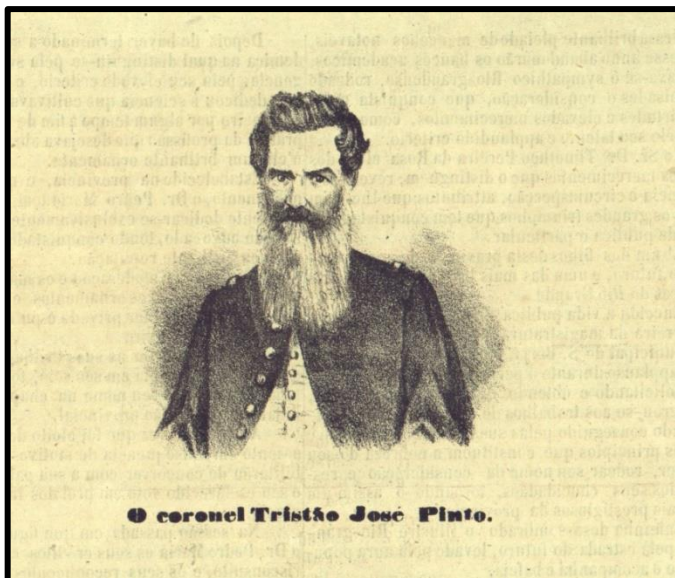


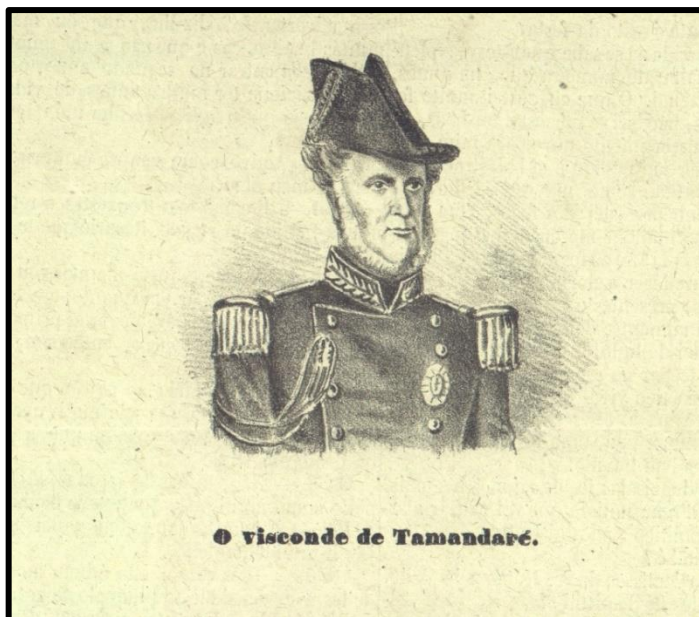
A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO
MONTENEGRO



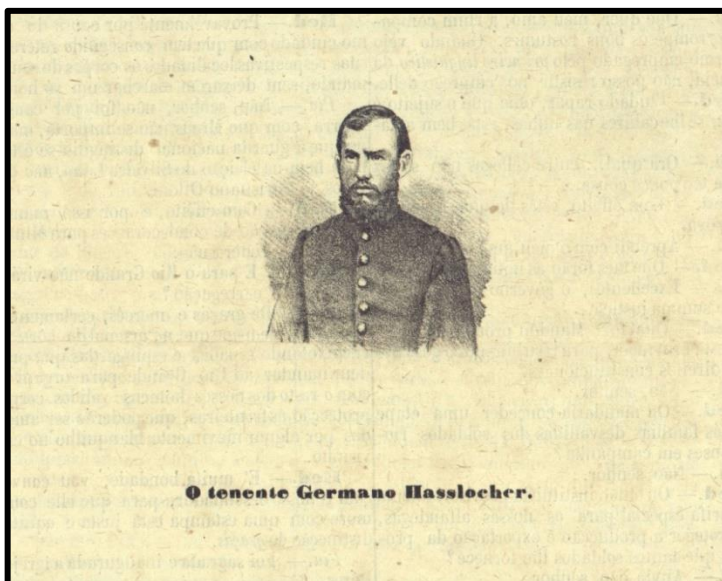
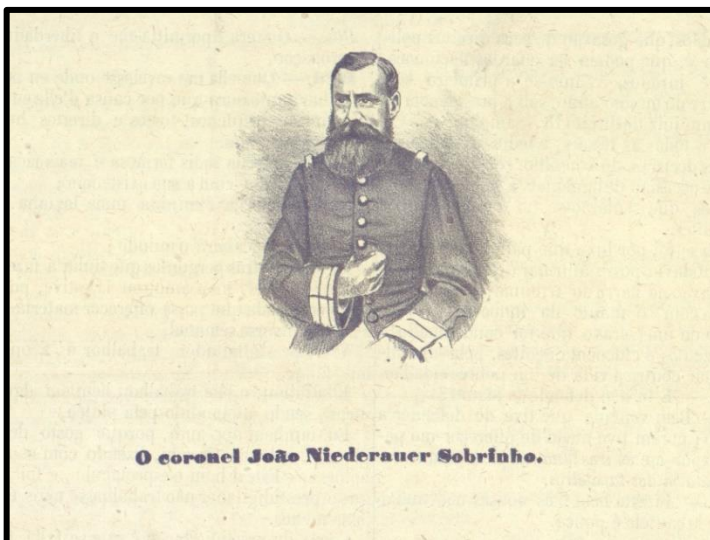


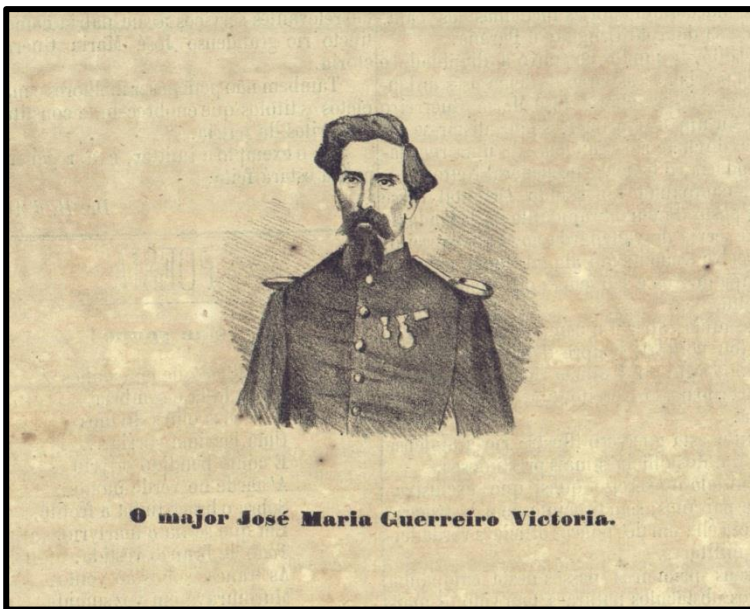
A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO MONTENEGRO





A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO MONTENEGRO





Assim, a *Sentinela* deu ampla preferência a estampar retratos e publicar dados biográficos de oficiais do Exército e da Armada, havendo a grande preocupação em enaltecer o personagem com o registro de seus feitos e da imagem, normalmente de seu busto, de modo a buscar registrar na memória coletiva aquilo que considerava como lições de civismo e patriotismo, através da glorificação e heroicização daqueles militares. Além desses, o hebdomadário caricato publicou, entre outros: reproduções de fotografias, como algumas vistas do teatro da Guerra; cenas de batalhas; notícias do conflito; mapas e plantas; e ainda alegorias como a que representou a vitória de Humaitá e Assunção.



Além dos textos e desenhos sobre a Guerra do Paraguai de cunho mais informativo, *A Sentinela do Sul* publicou várias caricaturas que faziam alusão direta ou indireta ao conflito. Eram cenas que retratavam os debates políticos no contexto nacional e das relações exteriores, alusivas a vitórias brasileiras, em resposta a caricaturas paraguaias, demonstrando o maior esforço de guerra promovido pelos rio-grandenses, apresentando os limites da aliança do Brasil para com Argentina e Uruguai, entre tantas outras nas quais, muitas vezes, o *Redator* e o *Piá* conviviam com o clima de guerra. Um dos motes mais importantes de que a *Sentinela* lançou mão para elaborar suas caricaturas foi o combate ao adversário, construindo verdadeiro conflito discursivo contra os militares paraguaios e, como não poderia deixar de ser, contra aquele que fora edificado como o arqui-inimigo dos brasileiros – Francisco Solano Lopez – que, presente em quase cinquenta por cento das caricaturas da folha referentes à guerra, foi fustigado à exaustão nos desenhos do semanário porto-alegrense.

Ao atacar Solano Lopez, a *Sentinela* reproduzia um comportamento inerente ao conjunto da imprensa nacional. A visão governamental brasileira de centrar o foco da guerra na pessoa do governante paraguaio ganharia as páginas dos jornais, envolvendo os mais tradicionais e longevos e mesmo os representantes da pequena imprensa. Até os hebdomadários caricatos caracterizados pelo teor crítico de seu norte editorial entrariam no esforço de guerra contra Lopez. Assim, os caricaturistas brasileiros, de modo geral, abraçaram a posição do governo de D. Pedro II e trabalharam, ferozmente, a imagem paraguaia, de modo que a caricatura também foi arma largamente utilizada pelo

Império. Nesse quadro, o arsenal humorístico foi usado bem longe dos campos de batalha e certamente não teve efeito imediato na massa de analfabetos que habitava o país, no entanto, não se pode ignorar seus reflexos no imaginário social brasileiro. Os ataques dos semanários caricatos ficariam personalizados na figura de Solano Lopez, que passaria a dominar as páginas dos jornais satíricos de então⁷.

No Rio de Janeiro, epicentro irradiador da cultura brasileira de então e protótipo para o desenvolvimento das práticas jornalísticas em seus mais variados gêneros, o inimigo combatido pelo humor caricato brasileiro foi personificado no chefe de governo da nação guarani, de modo que se tornava flagrante o objetivo da imprensa sediada no Rio de Janeiro em atingir Francisco Solano Lopez, em um quadro pelo qual o resultado do trabalho dos caricaturistas parecia indicar a intenção de cumprir, à risca, os preceitos estabelecidos no Tratado da Tríplice Aliança, no qual havia latente preocupação em mostrar que o inimigo era o “governo do Paraguai”, ou seja, Lopez era o centro do sistema de composição do imaginário social em relação ao conflito. Dessa forma, Solano Lopez aparecia sob diversas formas, invariavelmente em posição desfavorável, nas caricaturas brasileiras, sendo representado, entre outros, como homem poderoso e cruel, pessoa completamente desequilibrada, doente, feroz, bárbaro monstro, déspota furioso, louco. No entanto, era a expressão tirano cruel que sintetizava a maior parte dos desenhos que

⁷ SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel: a Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 49, 50, 53 e 95.

mostravam o chefe guarani, quer seja, um sádico capaz das mais terríveis atrocidades⁸.

A respeito do conflito movido pela imprensa ilustrada brasileira, representada pelos semanários da Corte, Lopez era apresentado como um homem covarde, que, se necessário, abandonaria seus soldados para viver, como milionário, em algum confortável refúgio. No mesmo sentido, enquanto Solano Lopez era mais alvejado no seu controvertido caráter, a deformação da imagem da irlandesa Elisa Alicia Lynch atingia, sobretudo sua fisionomia, profundamente alterada nas caricaturas publicadas na imprensa carioca, de forma que, nos desenhos, a companheira do *Mariscal* aparecia com traços físicos defeituosos e, nas legendas – e nos textos maiores, como os editoriais –, era descrita como a “perdição” de Lopez, que mandava dentro e fora de casa, e que seria a responsável pela “megalomania” do chefe de governo do Paraguai⁹.

Dessa maneira, a imaginação dos desenhistas e redatores dos jornais caricatos correu solta, cada qual buscando representar o líder paraguaio da forma que mais causasse reações negativas diante dos leitores brasileiros, não poupando argumentos e atributos que desqualificassem Lopez em suas formas de pensar e agir¹⁰. Esse fenômeno também se refletiria junto à

⁸ SILVEIRA. p. 95-96.

⁹ SILVEIRA. p. 108 e 110.

¹⁰ Nesse contexto, quanto às palavras e qualificações empregadas em relação ao inimigo Lopez, podem ser citadas: D. Quixote Paraguaense, Júpiter Paraguaio, Herodes, Holofernes, Nero do século XIX, verdadeiro Judas, endiabrado, irmão de Satanás, abutre louco, canibal, feroz,

imprensa sul-rio-grandense. Na província mais meridional do Brasil, que inclusive vivenciou a guerra em seu próprio território, também não se pouparia papel e esforço nos jornais para atacar veementemente o governante paraguaio. Tal atitude se evidenciaria nas páginas da *Sentinela do Sul*, que, além de buscar manter os leitores informados sobre o teatro das operações bélicas e de enaltecer os participantes brasileiros no conflito, trabalhou arduamente na desconstrução discursiva e imagética de Francisco Solano Lopez. Tal qual faziam as folhas da Corte, *A Sentinela* usou os mais variados mecanismos e estratégias da linguagem e da exposição de imagens para desmerecer, desqualificar e menoscar a figura do líder paraguaio, buscando imputar-lhe o estereótipo do “terrível ditador” que oprimia o povo guarani.

doente, selvagem, monstro, monstro mais bárbaro e hediondo do mundo, perverso passarinho, desvairado mosquito, defunto, patife, traste, destruidor de sua pátria, fanfarrão, tenor de mola, enfeitado, boneco, boneco de engonço, perro, sanguinário perro, tigre, fera, cavalo bravo, periquito, bichinho, tirano, tirano cruel, supremo tirano, pérfido tirano, déspota, déspota furioso, agonizante déspota, ditador, ditador absoluto, El Supremo, algoz, arsenal vivo, Generalito, Mariscal, cacique, cacique dos guaranis, rei de copas (dos que furtam, saqueiam e matam), execrando, malandro, façanhudo, assustado, trêmulo. Já no que tange aos personagens animalizados em desenhos, com referência a Solano Lopez, alguns dos que Silveira destaca são: cão, ouriço (porco-espinho), espécie de ratazana, tartaruga deformada, pavão (pato), ave, ave deformada, porco, abutre, cavalo, mosquito, rato, cobra (serpente). SILVEIRA. p. 175-176 e 179.

Dentre os vários desenhos publicados às páginas da *Sentinela*, em um deles, Madame Linch, esposa de Solano Lopez, aparecia em torre, acima das linhas paraguaias, atacando a esquadra brasileira, canhões embaixo dos braços e espocando balaços contra as belonaves brasileiras. Lopez era apresentado abaixado, escondido e protegido à barra da saia de sua consorte. No desenho, a figura feminina aparecia de pé, ocupando quase literalmente a parte mais elevada de um dos fortins paraguaios bombardeados pela esquadra brasileira. Atrás dela, miúdo, de cócoras e protegido pela cauda de seu vestido, vê-se o ditador Solano Lopez, armado apenas de um óculo de alcance e tendo na cabeça um cocar guarani, à maneira de coroa. À altura dos fartos úberes da dama imponente, duas bocas de fogo, que ela sustém nos braços, lançam obuses contra os navios inimigos que, ao largo e sem serem atingidos, retribuem as cargas¹¹. A legenda era direta e incisiva, escrita em espanhol: La mejor bateria d'el Mariscal (21 jul. 1867). A intenção do periódico era a de claramente menosprezar a figura do Presidente paraguaio, reduzindo-o a uma postura covarde. Em uma sociedade como a de então, dominada pela ideia da ascensão masculina sobre a inferiorizada mulher, naquele caso, se dava o contrário, com Lopez submetendo-se aos desígnios da esposa, refletindo muitas das versões que afiançavam que quem governaria realmente o Paraguai seria a primeira dama.

¹¹ FERREIRA. p.18.



A *Sentinela do Sul* mostrava também Solano Lopez, com seu cocar/coroa, negociando com o escritor francês Charles Expilly, oferecendo-lhe 1.000 patações em troca de informações sobre os países integrantes da Tríplice Aliança (28 jul. 1867). Expilly veio para o Brasil em 1853 e lutou com muitas dificuldades econômicas no

Rio de Janeiro, depois de haver conseguido aproximar-se de D. Pedro II, a quem no mesmo ano apresentou um trabalho contendo suas ideias sobre a educação feminina. Não satisfeito com as oportunidades que lhe foram oferecidas, e agravando-se cada vez mais sua situação financeira, a cada trabalho que publicava ia refletindo progressivamente sua má vontade com o país que o acolhera até que, eclodindo a guerra com Solano Lopez, se ofereceu o escritor para defender os interesses paraguaios na Europa, praticando o que foi considerada como uma tenaz campanha de imprensa contra o Brasil¹². Expilly aparecia representado com um asno, em uma figura prenhe de qualificação negativa, ao constituir um animal que está sempre no cio¹³, bem como um símbolo da ignorância, emblema da obscuridade e das tendências satânicas, indicando a busca de sedução materiais¹⁴, quer seja, aquele que vendia sua honra a peso de ouro.

¹² BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973. v. 1. p. 481.

¹³ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984. p. 105.

¹⁴ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 93-94.

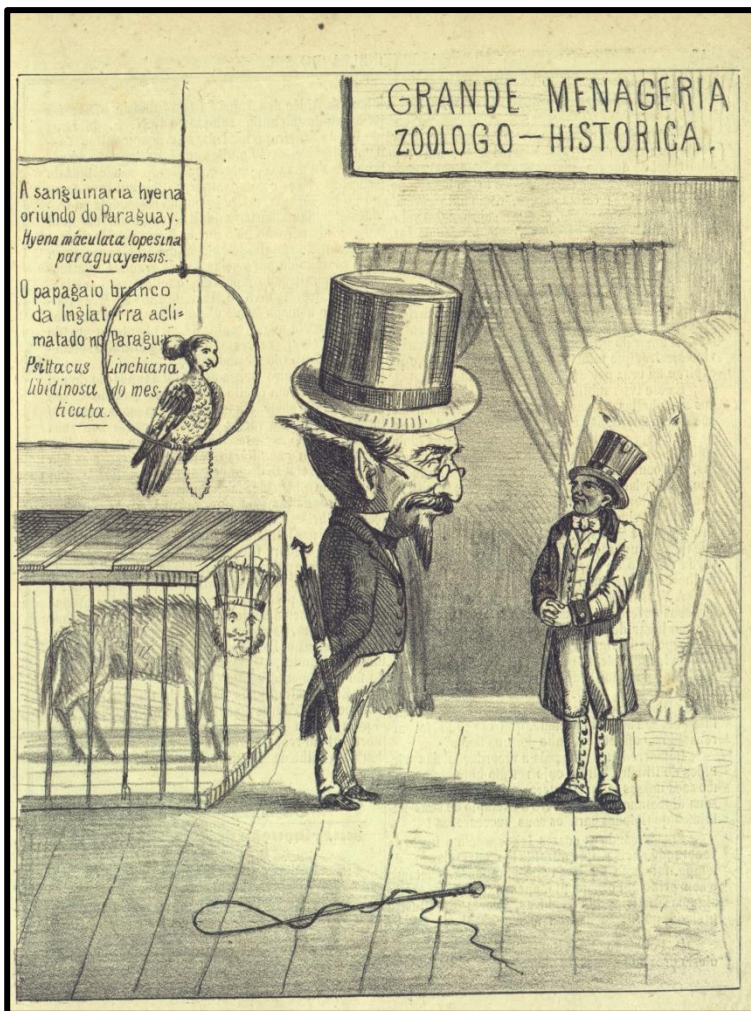


O governante paraguaio nas páginas da *Sentinela* apareceu ainda aprisionado, refletindo aquela que seria uma das grandes vontades nacionais. O caricato criava o ambiente de uma exposição de animais, na qual tanto Lopez quanto sua esposa figuravam como presos. A exposição era denominada de Grande Menageria

Zoólogo-histórica e era visitada pelo responsável pela folha, com sua tradicional indumentária, cartola, guarda-chuva e a pena à orelha, conversando com seu auxiliar, o “Piá”. Solano Lopez aparecia na forma de uma hiena com cabeça humana, quer seja, como um animal necrófago e noturno, que pode se caracterizar pela voracidade, pelo cheiro, pela força de suas mandíbulas, capazes de roer os ossos mais duros, confundindo-se com a lentidão, a grosseria, o ridículo, a tolice e a covardia¹⁵. No cartaz a hiena/Lopez, enjaulada, era anunciada como a sanguinária hiena, oriunda do Paraguai e, imitando um latim, para apresentar o “nome científico” do animal estabelecia a bem humorada denominação *Hyena maculata lopesina paraguayensis*. Já Madame Linch aparecia como um papagaio, acorrentado a uma argola, refletindo a ideia da ave que lembra o símbolo das operações da imaginação, da instabilidade e da inconsequência¹⁶, ou ainda do animal que se limita apenas à imitação. Nessa linha, a esposa de Lopez era apresentada como o papagaio branco da Inglaterra aclimatado no Paraguai e, colocando em questão a honra da primeira dama paraguaia, o “nome científico”, em um arranhado latim era *Linchiana libidinosu domesticata* (11 ago. 1867).

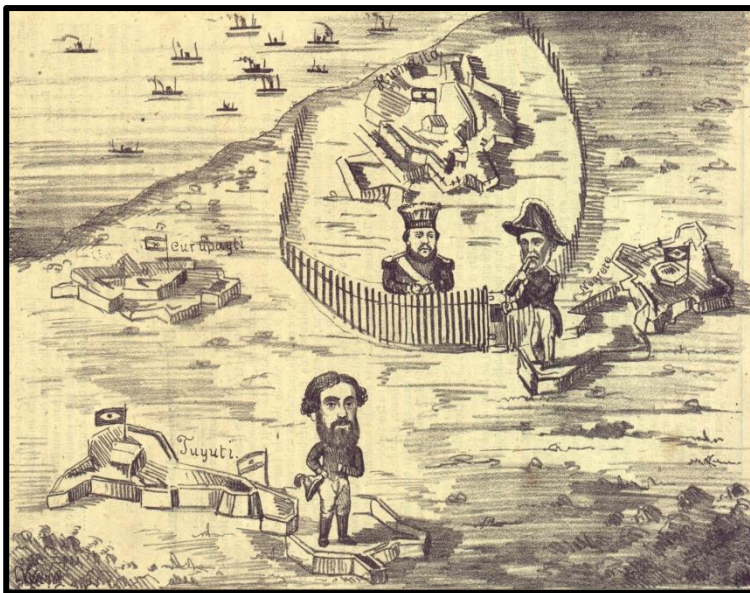
¹⁵ CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 492.

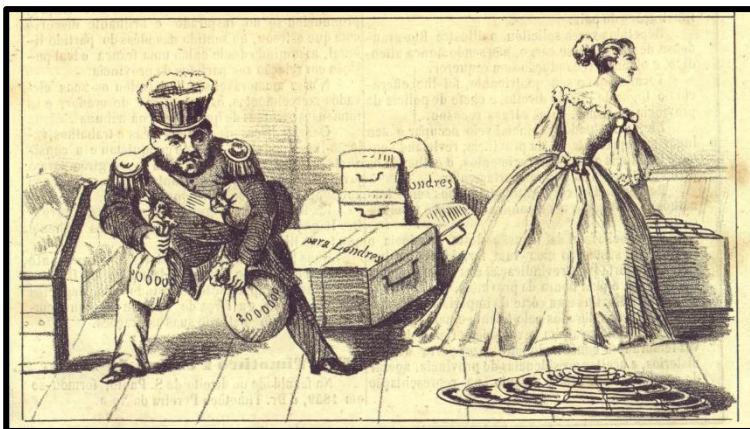
¹⁶ CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 687.



Cenas de guerra em forma caricatural também eram representadas na *Sentinela do Sul*, como no desenho que demonstrava Caxias, Mitre e Lopez, cada qual defendendo suas fortificações. A legenda refletia a

imobilidade da guerra, notadamente no que tange ao tipo de procedimento bélico colocado em prática pelo governante paraguaio, ou ainda pelos desacertos entre as lideranças da Tríplice Aliança: Se V. Ex., satisfazendo os desejos dos exércitos aliados quiser decidir-se a vir honrar este campo com a sua presença, o poderá fazer com a maior segurança, era a frase dita ao comandante guarani (25 ago. 1867). A coragem de Solano Lopez foi outra vez colocada em dúvida pela folha caricata, ao mostrar o governante novamente junto de sua esposa, recolhendo os espólios das riquezas do país, preparando-se para a fuga em relação ao avanço de seus adversários, a legenda era curta e irônica: Arranjos domésticos (29 set. 1867).





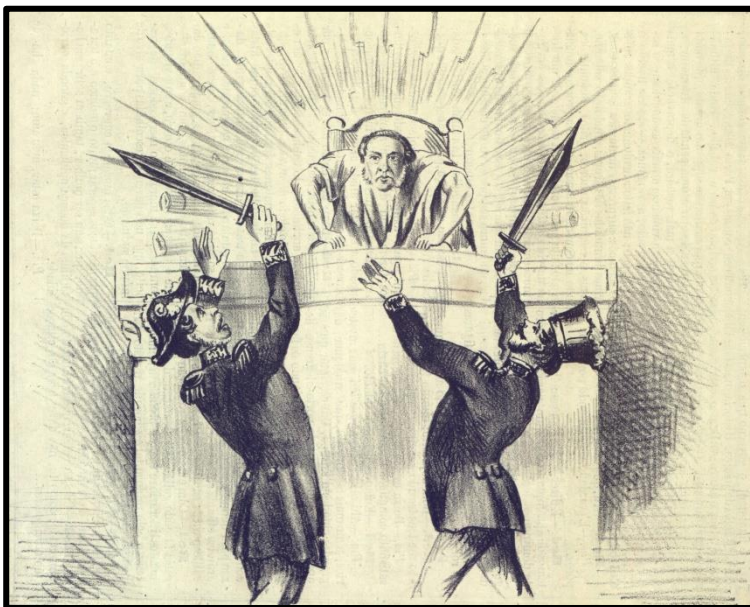
Lopez também apareceu nas páginas da *Sentinela* na forma de um peixe, cujo semblante lembrava as feições do governante, além do chapéu que já se tornara tradicional na sua identificação. O peixe pode ser encarado como símbolo do sacrifício¹⁷, no caso o sacrifício que, segundo a concepção brasileira, estaria sendo trazido ao povo paraguaio a partir das ações de seu Presidente, ou ainda na alusão ao animal fugidio e escorregadio, difícil de apanhar, retratando as infrutíferas perseguições ao “ditador paraguaio”, de parte da Tríplice Aliança que parecia ter de apanhá-lo através de uso de um anzol, como explicava a legenda: A pesca milagrosa (13 out. 1867).

¹⁷ CIRLOT. p. 453.



Uma referência aos gaúchos também foi feita nas páginas do periódico ilustrado porto-alegrense, ao representar Solano Lopez conversando com um de seus lugar-tenentes e, diante da aproximação das forças sulinas, o chefe paraguaio determinava a retirada tendo em vista que aquelas seriam imbatíveis. A legenda aparecia na forma de um diálogo, em precário espanhol: Lopez: És la cavallaria rio-grandense del General Andrade Neves que viene a atacar los nuestros? – Barrios: És ella, Mariscal. – Lopez: Se são los rio-grandenses, tega usted la bondad de mandar tocar la retirada... Nem el diablo puede con los rio-grandenses, são mais que valientes, são verdadeiros cenotauros (10 nov. 1867). A disputa do Brasil, na figura de Caxias, e do Paraguai, representado por Lopez, pelo apoio do militar argentino Urquiza, foi designada como uma luta de

gladiadores diante de um “césar”, que era saudado por aqueles que iriam morrer (1º dez. 1867).



A Sentinela do Sul buscava também demonstrar os desmandos de Lopez ao apresentá-lo em banquete com seus oficiais, enquanto a população passava pelas agruras da guerra. A folha intentava denunciar que a proposta de um esforço de guerra total só estaria a trazer o sacrifício do povo paraguaio, o qual adviria das ações de seu “ditador” que dizia, no chamado “Banquete paraguaio”: Meus amigos, preciso de dois encouraçados brasileiros, e senão prendê-los, desmancha-se a igrejinha, e eu sem recursos nem agravos terei de fugir ou cair prisioneiro (29 mar. 1868). Uma outra caricatura mostrava o responsável pela folha solicitando a um mágico que viesse a arrancar a cabeça do “ditador paraguaio”, conforme já fizera com o seu auxiliar. Lopez aparecia em uma jaula intitulada Humaitá, referindo-se a um dos confrontos ocorrido durante a guerra. O redator do hebdomadário estaria a dizer: Tenho a honra de felicitar ao distinto e hábil prestidigitador rio-grandense Firmino d’Abreu pelos seus triunfos ultimamente alcançados nesta capital e São Leopoldo, e saber se V. S. pode, assim como fez com a cabeça do meu Piá, cortar a do cacique Lopez que se acha engaiolado (5 abr. 1868).

A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO MONTENEGRO





Lembrando o costume popular da malhação do Judas, *A Sentinela do Sul* apresentou a população festejando em torno do “Judas” escolhido para aquele ano, o “inimigo número um” Solano Lopez. Desejava o jornal: Morra o Judas paraguaio e ressuscite a paz! Aleluia! Aleluia! (12 abr. 1868). A folha caricata insistia na construção da imagem do Lopez fujão, no caso, cavalgando a toda velocidade, levando consigo a primeira dama e um representante do clero, debandando em relação à perseguição do índio brasileiro. A legenda era: Fuga de Tebicuary (19 abr. 1868). Na perspectiva do semanário, ao passo que o povo ficava abandonado aos dissabores da guerra, Solano Lopez, após a fuga, estaria aproveitando a vida, plácida e bucolicamente, com sua família, chamando atenção para o novo quartel general do Mariscal Lopez, onde estaria a levar a doce e amena vida nos campos (7 jun. 1868).



A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO MONTENEGRO





Dessa forma, a irreverência e a crítica despudorada, características inerentes à produção humorística, manifestaram-se de forma unilateral na imprensa ilustrada brasileira durante a longa campanha militar desenvolvida na Bacia do Prata. Nesse quadro, apenas o inimigo das forças imperiais foi vítima da ação

satírica dos caricaturistas, em páginas dirigidas com absoluta preferência ao Presidente Francisco Solano Lopez, as quais se constituíram em instrumentos de corrosão da imagem do Paraguai, poupando deliberadamente o lado brasileiro. Tal engajamento conferiu à caricatura um relevante papel, uma vez que exibiu as condenadas formas do adversário e, com isso, apresentou-se como privilegiada base da legitimação pretendida pelo Império da sua ação armada contra o governo paraguaio¹⁸.

No quadro rio-grandense-do-sul, essa ação seria exercida pelo seu pioneiro semanário caricato, *A Sentinela do Sul*, que buscou cativar seus leitores quanto à justeza das causas brasileiras na guerra e atingir peremptoriamente o adversário do Estado Nacional Brasileiro – Solano Lopez. O governante paraguaio foi representando das mais variadas formas: protegendo-se à sombra da esposa; envolvido em negociatas escusas; como uma hiena enjaulada pelos brasileiros; promovendo ações procrastinadoras à guerra; roubando sua pátria; como um peixe escorregadio e fujão; temendo as tropas rio-grandenses; esbanjador, fanfarrão e falastrão; malhado como um Judas; em constante fuga, para viver no conforto e na paz, enquanto abandonava a população à própria sorte e aos graves efeitos da guerra. *A Sentinela* assim, a exemplo do conjunto da imprensa brasileira, também exerceria seu papel na construção do arquétipo do “terrível ditador” paraguaio.

Nessa linha, a Província do Rio Grande do Sul teria condições de “assistir” a várias das cenas da Guerra da Tríplice Aliança através das páginas da *Sentinela do*

¹⁸ SILVEIRA p. 169.

Sul. Esse mesmo Rio Grande do Sul já sofrera com as agonias da guerra ao ter seu território invadido, contribuía com um dos mais significativos contingentes de militares para o teatro das batalhas e constituía um ponto estratégico, encravado entre os vizinhos platinos, e, portanto, tinha boa parte de sua população interessada nos destinos do conflito, fosse por motivos conjunturais, como os caminhos das relações exteriores brasileiras, fosse circunstanciais no que tange aos brasileiros que pegaram em armas e marcharam para o território inimigo ou ainda o não esquecido risco de uma nova invasão. Nesse sentido, ao trazer várias matérias informativas bem como manifestações crítico-opinativas, o *hebdomadário porto-alegrense* encontrava um público leitor ávido por notícias do teatro de operações. Ao contrário dos jornais diários, que apresentavam longos textos sobre o conflito, a folha caricata trazia escritos em geral mais curtos, leves e com uma linguagem mais popular e, mais do que isso, apresentava a imagem, que, se não dava cores às narrações, ao menos permitia maior e mais direta visibilidade às mesmas. Através da imagem e de uma linguagem mais direta e incisiva, trazendo informações sobre a guerra e sustentando o confronto em relação ao inimigo, a *Sentinela* daria também o seu quinhão no constante esforço de guerra que marcou o cotidiano da imprensa brasileira à época do conflito contra o Paraguai.

O Arquivo Montenegro e Francisco Solano Lopez

Ao final do século XIX, viveu na cidade do Rio Grande José Arthur Montenegro. Ele tinha uma vida dupla. Por um lado, tendo de garantir o seu sustento e o da família, teve de se dedicar ao trabalho. Nascido no Ceará, em 1864, primeiramente voltou-se às lides marinheiras, para depois optar pelo caminho militar, descolando-se para o Rio Grande do Sul, cursando a escola específica em Porto Alegre e depois atuando em vários postos do Estado, mormente na fronteira. Saindo do exército, voltou-se a uma carreira em várias empresas ligadas ao transporte, notadamente o ferroviário, oportunidade na qual se deslocou para a cidade litorânea gaúcha. Já por outro lado, paralelamente, desempenhou uma outra ação, a de estudioso e pesquisador, vindo a constituir um representante da intelectualidade de sua época. Como era comum aos denominados homens de letras de então, voltou seu enfoque para múltiplas áreas do saber, mas a História foi o principal alvo de suas atenções, e, em meio a esta, teve um tema predileto representado pela Guerra do Paraguai. Sua ação intelectual desenvolveu-se até a sua prematura morte, ocorrida em 1901.

Na condição de intelectual, Montenegro estabeleceu uma verdadeira rede de relações com outros estudiosos, literatos, artistas e mesmo militares que participaram da Guerra do Paraguai, comunicando-se com os mesmos por meio de visitas, ou, o mais comum, através da troca de correspondências. A partir de tais interações e de suas incessantes pesquisas, o escritor

passou a angariar certa notoriedade, a qual lhe conferiu a entrada em diversas entidades vinculadas ao saber, às letras e a ciência. Nessa linha, ele pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, à Sociedade de Geografia de Lisboa, ao Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, ao Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, ao Instituto Geográfico Argentino, ao Ateneu de Buenos Aires, ao Centro Literário do Ceará, à Academia Cearense, à Associação Guerreiros do Paraguai, ao Instituto de Coimbra e à Associação dos Homens de Letras de Caracas.

De seus tantos estudos, resultaram publicações estabelecidas na forma de livros ou como colaborações inclusas junto à imprensa periódica. Nessa perspectiva, Arthur Montenegro agiu como tradutor, introdutor e/ou anotador dos livros *Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional* (1891), *Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre* (1893), *Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan Silvano de Godoi* (1895) e *O Uruguai* (1900). Já como autor, levou ao público *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul* (1895) e *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai* (1900).

Na qualidade de colaborador em periódicos, entre outros trabalhos, Montenegro apresentou *História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana, 1879-1881; Cristóvão Colombo e o descobrimento da América; Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai*; além de vários outros trabalhos. Tais edições ficaram espalhadas por publicações gaúchas como o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (Rio Grande), o *Almanaque*

Popular Brasileiro (Pelotas), *A Atualidade* (Rio Grande), o *Correio Mercantil* (Pelotas), o *Diário do Rio Grande* (Rio Grande) e o *Eco do Sul* (Rio Grande); as cearenses *A República*, *Revista da Academia Cearense* e *Almanaque Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará* (todos de Fortaleza); e ainda no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Parte de suas obras, entretanto, permaneceram inéditas, como foi o caso dos títulos *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*, planejada para oito volumes; *Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio Grande do Sul*; *Dicionário das madeiras do Brasil*; *As ilhas do Brasil*; e *Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX*¹⁹.

Para a realização desses trabalhos e principalmente para a confecção de sua obra que permaneceu inédita acerca da Guerra da Tríplice Aliança, Montenegro empreendeu uma incansável pesquisa, para a qual dispendeu todo o esforço e o tempo disponível, reunindo uma formidável documentação composta por fotografias, gravuras, referencial bibliográfico, textos em geral, recortes de jornais, mapas, plantas, entre vários outros. Ainda que

¹⁹ Dados biográficos e bibliográficos elaborados a partir de: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. 4, p. 319-322.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 375-376.; STUDART, Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: Tipografia e Litografia a Vapor, 1913, v. 2, p. 66-73.; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 325.

tais documentos vislumbrassem temas gerais, a sua grande maioria se relacionava com a Guerra do Paraguai, vindo o conjunto dos mesmos a se constituir em um dos mais importantes mananciais de informação acerca de tal confronto bélico internacional. Com a morte do pesquisador, tal coleção documental permaneceu sob a guarda da Biblioteca Rio-Grandense, estando disponível à pesquisa no segmento que ficou denominado de Arquivo Montenegro.

A essência da obra, da pesquisa e do acervo amalhado pelo estudioso foi a abordagem da História Militar e, mais especificamente, a identificação dos protagonistas que atuaram no teatro de operações. Nessa linha, seu enfoque é fortemente calcado na biografia, buscando para tanto todos os registros possíveis acerca dos militares que lutaram inicialmente na campanha do Uruguai e depois, por um tempo ainda mais longo, na campanha do Paraguai, fossem eles textuais ou imagéticos, notadamente os de natureza fotográfica. Dessa maneira, a Guerra do Paraguai tornou-se o “principal objeto de suas lucubrações”, com o objetivo de “arrancar do olvido a memória dos nossos heróis, apresentá-los à posteridade tais quais foram”, bem como “fazendo justiça aos que souberam morrer pela causa da pátria”²⁰. Além disso, o próprio escritor demarcava que o seu “mais ardente desejo”, era o de “poder descrever os feitos dos argentinos e orientais com a mesma minuciosidade e serenidade de espírito” que dedicara

²⁰ BRITO, Raimundo de Farias. (Prefácio). In: MONTENEGRO, José Arthur. *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. v e vi.

aos brasileiros, desejando “que a posteridade e os mais contemporâneos me façam a justiça de chamar-me imparcial como historiador”²¹.

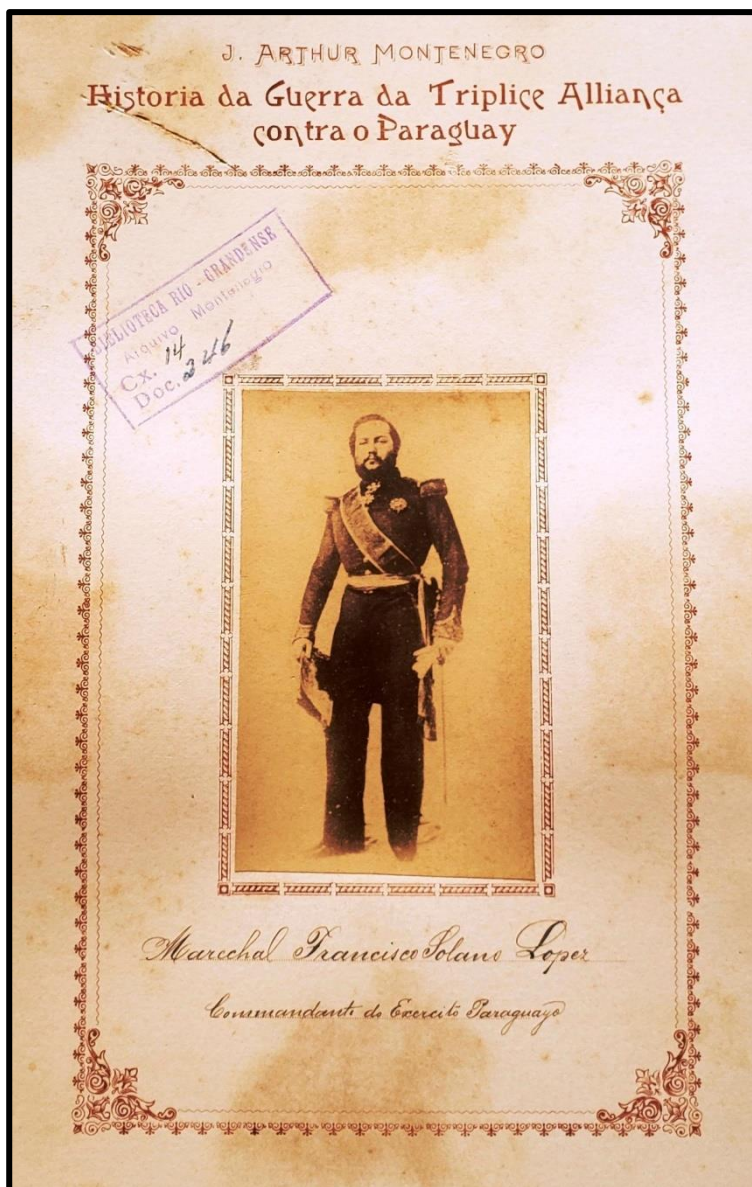
Levando em conta tais fundamentos, Montenegro esclarecia que seu escopo era estudar a Guerra da Tríplice Aliança, intento para o qual pretendia ir “obtendo com vagar e muito esforço” os dados, “além de muitos retratos de vultos eminentes de que não posso prescindir”. Dessa maneira afirmava que estava “resolvido a não sacrificar a obra”, com uma publicação apressada, “sem esclarecer minuciosamente todos os sucessos, para o que estou disposto a dedicar toda a minha vida, contanto que, ao entregá-la ao público”, pudesse “dizer – eis a última palavra sobre a tremenda epopeia que dignificou minha pátria em cinco anos de luta contra a tirania”²². Tal luta que o escritor incorporava à sua obra tinha um adversário fundamental, de modo que Francisco Solano Lopez nos escritos e no acervo colecionado por J. Arthur Montenegro assumia o papel de inimigo máximo. Assim, apesar dos maiores destaques da sua pesquisa terem sido os militares brasileiros, houve também espaço para a abordagem do arqui-inimigo paraguaio, como revelava a incidência de retratos de Lopez em meio à coleção reunida.

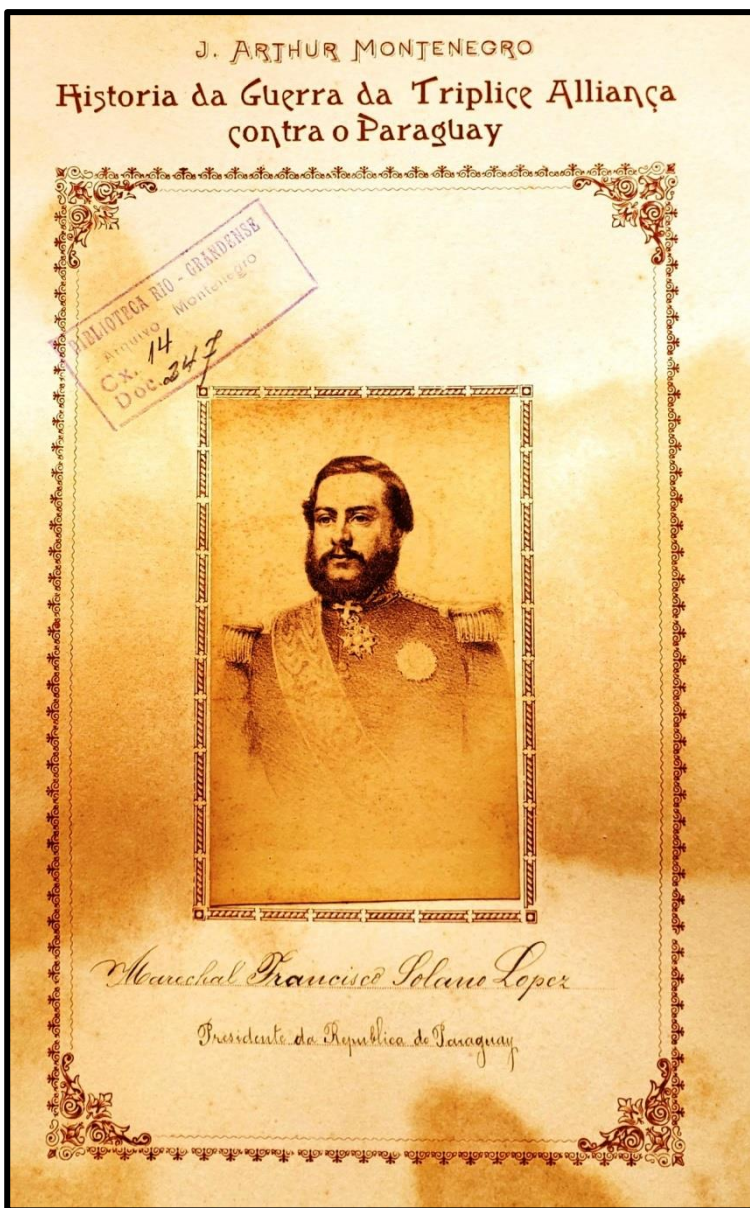
²¹ ALBUM DE LA GUERRA DEL PARAGUAY. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 40, p. 246.

²² Citado por BLAKE, 1898, v. 4, p. 320.

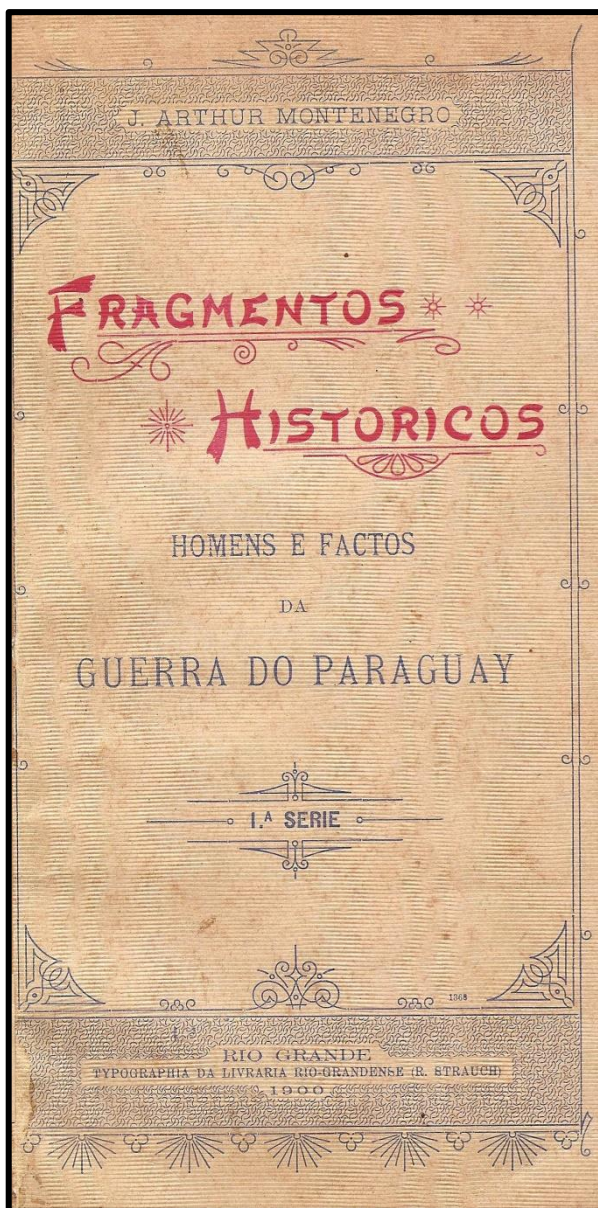
FRANCISCO DAS NEVES ALVES







Como a obra idealizada por Arthur Montenegro, *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*, que, além de um longo segmento textual, apresentaria também gravuras, fotografias e um atlas, permaneceu inédita, o único livro acerca do tema que ele escreveu na qualidade de autor foi *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*, lançado em 1900, pouquíssimo tempo antes de sua morte. O título da publicação já sintetizava a abordagem histórica estabelecida pelo autor, uma vez que os “fragmentos históricos” referiam-se a estudos múltiplos sobre o tema, vários deles publicados anteriormente junto à imprensa periódica, ao passo que o subtítulo, “homens e fatos” trazia por sentido o enfoque primordial do escritor, calcado nos episódios marcantes da História Militar do conflito em pauta e dos indivíduos que participaram do confronto, os quais assumiam um protagonismo em relação ao devir histórico, além de serem guindados ao panteão do heroísmo. Ao mesmo tempo, em *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*, notadamente em três de seus segmentos, também há espaço para a perspectiva de Solano Lopez como a encarnação do inimigo.



Logo no primeiro capítulo do livro, intitulado “A epopeia paraguaia”²³, Montenegro apontava para uma série de erros de natureza militar cometidos pelo governante paraguaio. Segundo o historiador, “os repetidos desastres sofridos pelas armas paraguaias têm sua explicação em *causas* morais e materiais”, para as quais “poderosamente influiu a antiquada organização tática do exército que não correspondia então às exigências da guerra moderna”, assim como “ao péssimo e variado armamento que possuía e, finalmente, à extrema ignorância” de seus comandantes, “guindados às culminâncias do mando, não pelo mérito real, mas pelo capricho do marechal Solano Lopez”. Para corroborar com sua tese, o pesquisador realizava uma série de minuciosas apreciações ligadas às técnicas militares, como ao citar um episódico em que “não houve um só batalhão paraguaio que carregasse *em ordem unida*”, já que “eram companhias destacadas que se atiravam loucamente sem comunhão de reforços, sem determinado objetivo”, contra o adversário. Citava as Batalhas de Riachuelo e Tuiuti como decisivas, por terem constituído “tremendos desastres que inclinaram decisivamente a vitória para a causa da aliança”, pois “nesta perdeu o marechal a flor do seu exército, naquela viu aniquilada a sua marinha de guerra”. Mais adiante, apontava para aquilo que considerava uma falha fundamental de parte do líder guarani, ao enfatizar que “parece que no espírito do marechal Solano Lopez se arraigou a ideia de vencer o Brasil só pelo número, pela força bruta das grandes massas armadas”, o que teria sido uma tática errônea. Nessa linha, concluía que:

²³ MONTENEGRO, 1900, p. 3-10.

Ao espírito sagaz do marechal Solano Lopez escaparam os ensinamentos das campanhas navais de Nelson e continentais de Napoleão, em que os adversários aferrados a preconceitos táticos, seguindo *sistemas* mais ou menos bem combinados, consagrados em leis e regulamentos especiais, sofreram tremendos desastres, sem coragem de romper com essas práticas antiquadas, a cujo *exato cumprimento* atribuíam uma ou outra vitória obtida a caro custo, como se na guerra pudessem ser imutáveis os sucessos e previstos todos os casos em regulamentos militares.

Singular espetáculo, na verdade, apresentou o marechal Solano Lopez com *o seu modo* de fazer a guerra, com essa mistura de princípios que aplicou às operações: aliou à ordenança espanhola do tempo de França à tática dos indígenas do Chaco. E o exército paraguaio, a despeito de sua ingente bravura, de sua não igualada obediência, foi sacrificado à ignorância de seu chefe, que se arvorou em general, quando militarmente era incapaz de bem discernir um plano de campanha (...).

Foram essas (...) as principais causas que no meu entender influíram para o extermínio do maior exército que tem visto a América do Sul – exército aguerrido, disciplinado, obediente como nenhum outro no mundo, capaz dos mais alevantados feitos, mas felizmente para a nossa pátria e para a humanidade, guiado por um empírico.

Um outro segmento do livro era dedicado exclusivamente ao líder paraguaio, sob o título “O marechal Solano Lopez”²⁴. Tal capítulo tinha um tom até certo ponto anedótico, carregando no sarcasmo e na ironia para apontar uma suposta falta de inteligência do governante guarani. Na abertura, Montenegro discordava da perspectiva pela qual “passa como fato provado ter tido o marechal Solano Lopez grandes conhecimentos científicos e vastíssima erudição”, apreciação que seria sustentada, “entre outros”, por “Silvano de Godoi em suas *Monografias históricas*, Chrisostomo Centurion em suas *Memórias* e Elisée Reclus em artigos na *Revue des deux mondes*”. Nessa linha, o escritor cearense/gaúcho dizia que tais autores “não se cansaram de bater nesse tema, citando fatos, apontando ocasiões em que Lopez” teria provado “à saciedade ser o espírito mais culto dos homens de seu tempo na América do Sul”.

Contra tais elogios expressos quanto ao chefe paraguaio, Arthur Montenegro argumentava que, ao contrário, “pelos detalhes que tenho colhido da vida íntima do ditador, pela análise fria e imparcial de todos os seus atos relativos à política internacional” e, ainda mais, “pelo modo brutal por que governou o país, julgo-o muito *superficial*, dispondo apenas de algumas *tinturas* de civilidade”, a qual fora “adquirida em suas viagens ao exterior e com o contato dos raros diplomatas que em seu tempo foram ao Paraguai”, de modo que, “no mais, era grosseiro, brutal, orgulhoso e de uma vaidade sem limites”.

²⁴ MONTENEGRO, 1900, p. 99-101.

Para comprovar sua asseveração, Montenegro citava um “episódio contado pelo cirurgião George Frederic Masterman em suas memórias”, o qual o convencera de que o seu “juízo sobre o grande déspota americano é de todo fundado”. O tal relato tinha por cenário “o cerco de Humaitá”, em meio ao qual “o marechal lembrou-se de arranjar um passatempo para si e para os seus oficiais”, com a finalidade “de vencer o tédio e monotonia dos longos dias que se sucediam sem outro acontecimento mais que algum combate no qual as suas tropas eram invariavelmente batidas”. O narrador contava que nesse meio tempo, Lopez mandara “vir de Paris uma caixa com *vistas* semelhantes às que se veem nas feiras da Inglaterra, porém, em escala maior, acompanhadas de uma *lanterna mágica*”.

O escritor permanecia citando o médico, segundo o qual, sob a sua orientação, a máquina fora montada para deleite do líder paraguaio e seus principais comandantes, considerando que “a geringonça era risível”, pois “cerrava-se com uma cortina de ganga a extremidade de um saguão que unia dois alpendres e a outra com um biombo”, ao passo que “a *máquina* estava colocada neste último, em cuja frente estendia-se uma ordem de cadeiras em semicírculo para *El Famoso* e seu séquito”. O aparelho mostrava várias cenas de batalhas, cujos nomes apareciam alterados, mas, ainda assim, Lopez buscava mostrar grande conhecimento de causa, tecendo comentários sobre guerras que não correspondiam às imagens.

Tal “diversão” teria permanecido por longo período, diante do que Montenegro realizava mais uma apreciação depreciativa para com Solano Lopez, por dispensar tempo e força médica em uma ação tão

estapafúrdia, ao passo que seus soldados convalesciam. Nessa linha, concluía o capítulo:

“A diversão teria sido magnificamente famosa para uma ou duas noites, porém trabalhamos tão *acertadamente* que recebemos ordem de continuar com a diversão até novo aviso – *y la cosa era broma...* (...)”

Por esse tempo Lopez não permitia que *pessoa alguma* dissesse graças em sua presença e muito menos rir-se, pois ambas *as coisas* constituíam um desacato à sua pessoa.”

Masterman, um dos mais graduados cirurgiões do exército paraguaio, tinha a seu cargo os hospitais de Assunção, nessa ocasião repletos de convalescentes e feridos dos combates de maio a dezembro de 1866; como auxiliares em tão afanoso serviço, tinha apenas *oito praticantes*, que, quando muito, seriam bons enfermeiros: pois bem, no Paraguai, durante a sábia administração de Lopez, arredava-se um médico de cabeceira de milhares de enfermos para encarregá-lo da manobra de um cosmorama próprio de ciganos ambulantes.

Também esteve entre os alvos das críticas de Arthur Montenegro a esposa de Solano Lopez, no capítulo intitulado “Elisa Lich”²⁵. Ainda que o foco do segmento tenha sido a personalidade feminina, a qual recebeu adjetivações profundamente negativas, logo na abertura do texto, além dela própria, houve uma apreciação acerca do governante paraguaio, que foi

²⁵ MONTENEGRO, 1900, p. 72-77.

alocado efetivamente como o inimigo máximo do Império Brasileiro, figurando como o maioral dentre os tantos adversários que o Brasil enfrentara durante suas guerras externas conhecidas como questões platinas:

Nefasta a influência exercida no ânimo do marechal Solano Lopez pela célebre aventureira Elisa Alice Lynch. Aos planos tenebrosos dessa mulher extraordinária, dessa hiena engastada num corpo de anjo, se atribui, com razão, a maior soma de crueldades praticadas contra o povo, que vivia escravizado sob o férreo guante do mais atroz despotismo que se conhece na história americana, tão fértil, aliás, em tiranias políticas.

Francia, Lopez I, Rosas e Oribe foram, comparativamente, mais humanos, praticaram menos crimes, fizeram correr menos sangue em tantos anos de absoluto domínio, que Solano Lopez, durante o curto período da guerra que sustentou contra a Tríplice Aliança.

Essa mulher, reverenciada durante o seu fastígio, acatada e cortejada como a mais poderosa rainha, era, naturalmente, odiada por todas as classes sociais, e um grito uníssono de vingança irrompeu de todo povo no dia em que baqueou o tirano nas margens memoráveis de Aquidabã.

Assim, na obra e no acervo construído por José Arthur Montenegro, além do amplo destaque para o enaltecimento dos militares brasileiros e aliados, houve também espaço para a abordagem do adversário, personificado na figura de Francisco Solano Lopez. Nessa linha, o pesquisador ressaltava aquela “falange de heróis que nas margens do Prata, nos confins dos

desertos paraguaios, escreveu página por página a epopeia gigante” a qual passaria “à posteridade como marco miliário da redenção de um povo escravizado pelas admiráveis instituições dos filhos de Loyola”, para depois ser “dominado pela tirania autocrática hereditária dos Francias e Lopez”²⁶.

Nesse quadro, como intelectual que conquistara relativo reconhecimento, por meio de seus escritos, Montenegro agiu em torno do controle do poder da palavra, uma vez que esta intervém no espaço de persuasão no sentido do convencimento do público. Desse modo, através de um confronto discursivo, enquadrando as figuras do aliado e a do adversário, se dava uma estigmatização do mal, a partir das estratégias de desqualificação do inimigo, passando este a ser um dos polos constitutivos da construção textual. De acordo com tal perspectiva, o sujeito que combate um adversário deve rejeitar os valores opostos aos preconizados pelo opositor, buscando demonstrar a partir de uma boa argumentação a fraqueza e o perigo representados pelo outro²⁷, ficando a partir disso estabelecida a premissa pela qual Solano Lopez simbolizava o arquirrival a ser combatido, antes, à época da Guerra do Paraguai, no contexto bélico, e, depois, nos tempos de José Arthur Montenegro, ao final do século XIX, na conjuntura intelectual.

²⁶ MONTENEGRO, José Arthur. Floriano Vieira Peixoto. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1898*. Rio Grande: Livraria Americana, 1897. p. 203-204.

²⁷ CHARAUDEAU, 2006. p. 21 e 92-93.

Registros imagéticos da Guerra do Paraguai na Sentinela do Sul e na coleção documental de José Arthur Montenegro

Obter informações e entender o que acontecia em terras paraguaias a partir de meados da década de 1860 tornou-se um hábito recorrente no Brasil da época. Era um conflito bélico que se arrastava sem soluções definitivas, entremeado por algumas derrotas consideradas inexplicáveis para os padrões de então e diversas vitórias que eram apontadas como decisivas, mas que não traziam o desfecho dos enfrentamentos, levando a uma duração de aproximadamente um lustro, o que fugia aos padrões das intervenções imperiais nos vizinhos platinos, normalmente mais breves no cronológico. Havia igualmente a mobilização crescente de tropas, trazendo um custo humano significativo de indivíduos que morreram não só pelo embate com o inimigo, mas também no enfrentamento de doenças, intempéries e obstáculos de um terreno pouco conhecido. Somava-se ainda o alto custo da guerra, com a necessidade de um reaparelhamento militar sem precedentes para enfrentar as circunstâncias inesperadas e a firme resistência do adversário.

Diante de tal quadro, a imprensa da época teve um papel essencial na busca por informes que saciassem

a sede por notícias e comentários em torno da Guerra do Paraguai. Nesse sentido, os periódicos redobram seu empenho para oferecer ao público um produto que viesse a satisfazer tais anseios, enfrentando todos os óbices que se antepunham como a distância do teatro de operações, o acesso dificultoso às terras guaranis e as limitações de comunicação da época, que originavam uma demanda de tempo considerável na obtenção de informações. Essas circunstâncias se faziam valer no conjunto do jornalismo brasileiro de então, com alguma vantagem para os diários, pela maior cotidianidade, ainda mais se comparados aos semanários. Frente a tais limites, a imprensa ilustrada, na maior parte das vezes representada por revistas hebdomadárias, teve de lançar mão do recurso visual para compensar a defasagem temporal, apresentando a seus leitores registros imagéticos acerca do cenário da guerra. Tal recurso foi também utilizado pela *Sentinela do Sul*, precursora no gênero jornalístico ilustrado nos quadros sul-riograndenses.

Terminado o confronto bélico da Tríplice Aliança contra o Paraguai, surgiria uma outra preocupação, também vinculada ao registro, só que agora com um outro olhar, no sentido de observar o passado, para descrevê-lo e interpretá-lo. Iniciava-se assim o papel dos estudiosos, que intentavam reunir fontes, que lhes permitissem reconstruir pedaço a pedaço alguns dos lances que compuseram o conflito internacional. A Guerra do Paraguai trouxe reflexos indeléveis para a formação brasileira, alguns de aspecto circunstancial, outros, de cunho estrutural e conjuntural, fazendo com que a necessidade de entendimento daquele tempo que vinha se tornando pretérito ganhasse cada vez mais

sentido. No Rio Grande do Sul, tal esforço teve dentre seus executores José Arthur Montenegro, que realizou uma árdua empreitada em busca de fontes que trouxessem esclarecimentos acerca do que ocorrera no enfrentamento que envolvera quatro países sul-americanos. Em meio ao significativo cabedal de documentos reunidos por Montenegro, em grande parte de natureza textual, houve espaço também para os registros imagéticos.

As imagens assim aproximavam as abordagens da *Sentinela do Sul* – que esteve profundamente vinculada à Guerra do Paraguai, como expressava seu frontispício, seu programa e sua recorrente cobertura jornalística – com as do historiador José Arthur Montenegro – que chegou a afirmar que dedicaria sua vida à investigação dos acontecimentos que marcaram o conflito entre 1864 e 1870. O semanário ilustrado gaúcho foi contemporâneo ao enfrentamento bélico e tinha no compromisso com seus leitores a necessidade de oferecer informações textuais e visuais. Montenegro, por sua vez, como intelectual, se propôs a escrever uma obra definitiva acerca do conflito, com seu projetado livro – que não chegou a ser publicado – *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*, planejado para oito volumes, seis de textos e dois de anexos, além de um atlas, para o qual reuniu fotografias, gravuras, mapas e plantas que ilustrariam e auxiliariam nas explicações que pretendia levar ao seu público.

Houve assim, pontos de interseção entre a mensagem visual jornalística da *Sentinela do Sul* e a abordagem histórica realizada por Arhur Montenegro, a partir da imagem como recurso informativo/explicativo. A imagem é modelada por estruturas profundas, ligadas

ao exercício de uma linguagem, assim como à vinculação a uma organização simbólica, como no caso de uma cultura ou uma sociedade. Além disso, a imagem é um meio de comunicação e de representação do mundo, que tem seu lugar em todas as sociedades humanas, sendo universal, mas sempre particularizada²⁸.

No que se refere aos registros oferecidos pelas imagens, os mesmos são de valor real, uma vez que elas proporcionam acesso a aspectos que outras fontes não alcançam, tornando-se o seu testemunho particularmente valioso²⁹. A presença da imagem traz consigo o contraponto entre a análise do espaço para a elaboração de narrativas visuais e a perspectiva de imagens que se destinam a ilustrar textos, podendo prevalecer a possibilidade de uma interação equilibrada e produtiva entre os dois registros, ou seja, o textual e o iconográfico³⁰.

Levando em conta a qualidade de uma mensagem visual composta de diferentes tipos de signos, a imagem pode ser considerada como uma linguagem, ou seja, como um instrumento de expressão e de comunicação³¹, tornando-se viável uma articulação

²⁸ AUMONT, Jacques. *A imagem*. São Paulo: Papirus, 1993. p. 131.

²⁹ BURKE, Peter. *Testemunha ocular – o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 277, 278 e 282.

³⁰ RAMIRES, Alexandre. Combates pela imagem na História do século XX – um percurso pessoal. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 535.

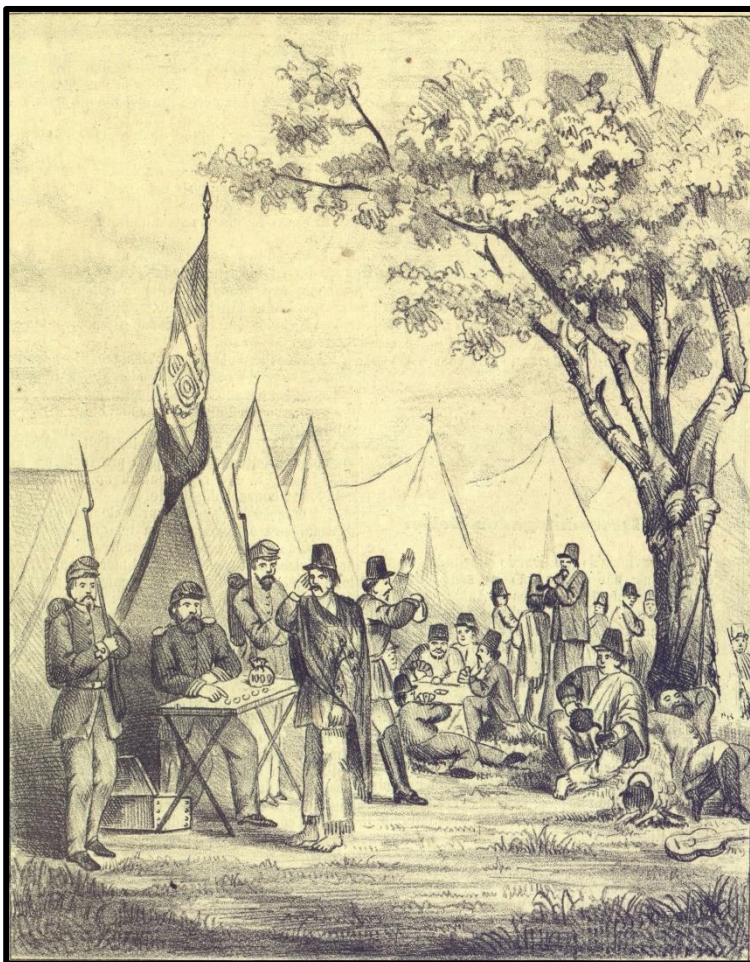
³¹ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 1999. p. 55.

entre o textual e o imagético, de modo que ambos cumpram funções complementares, integrando-se mutuamente³². A perspectiva de mostrar cenários que traduzissem visualmente os enfrentamentos bélicos no território guarani foi assim um recurso bastante útil para que *A Sentinela do Sul* ganhasse a confiança de seus leitores, quanto ao noticiário do cenário de operações, no qual inclusive chegou a ter “correspondentes”, e também para a obra que Montenegro planificara no intuito de trazer todos os esclarecimentos que uma pesquisa pudesse oferecer aos que adquirissem o seu livro. Alguns pontos de identidade no que tange às imagens entre os registros do semanário ilustrado e os do historiador, são exemplificados a seguir.

Ainda que o maior interesse fosse pelas cenas de guerra, outros momentos do cotidiano dos militares no Paraguai também estiveram dentre os registros imagéticos. Foi o caso do desenho publicado pela *Sentinela do Sul* mostrando um acampamento de militares brasileiros, com a presença de prisioneiros paraguaios, intentando demonstrar o bom tratamento que estes estariam a receber das forças imperiais (28 jul. 1867). Na mesma linha, a publicação ilustrada trouxe o retrato de um oficial brasileiro, junto de um companheiro de farda, “à frente de sua barraca, cercado dos objetos de uso constante no acampamento” (22 dez. 1867). Tal cenário compôs igualmente o arquivo documental de Montenegro, com gravura que

³² GONZÁLES, José Antonio Moreiro & ARILLO, Jesús Robledano. *O conteúdo da imagem*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2003. p. 121.

reproduzia o quartel general do exército aliado no Paraguai.



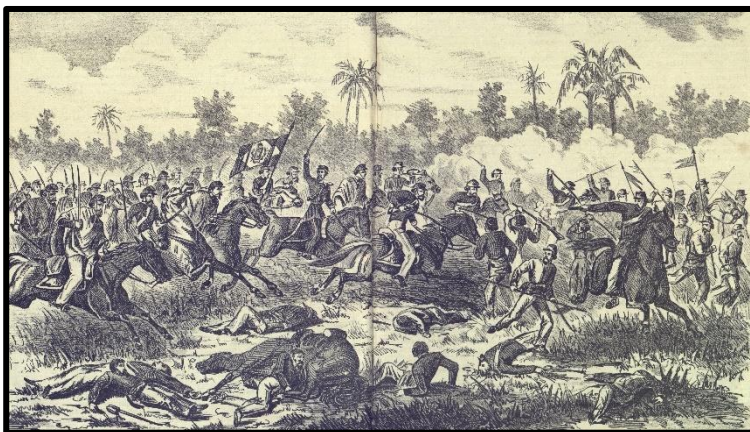
A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO
MONTENEGRO





O uso da cavalaria por parte do exército brasileiro também esteve dentre os pontos em comum na cobertura da revista ilustrada e nos documentos amealhados por Montenegro. Um dos grandes intentos do hebdomadário era demonstrar as vitórias e uma propalada valentia das tropas imperiais, notadamente as formadas por sul-rio-grandenses, como foi o caso do desenho de uma “carga da cavalaria brasileira do General Andrade Neves”. Com fervor patriótico a folha heroizava os brasileiros, afirmando que, diante daquele quadro: “- Qual o coração rio-grandense que não estremecerá de júbilo ao ver esta cavalaria invicta”, a qual “se atira ao encontro do inimigo, levando-o de vencida no primeiro choque” e “derrubando-o, pisando-o, esmagando-o, fazendo-o retroceder, e fugir em vergonhosa debandada (9 fev. 1868). Acerca do mesmo tema, o historiador apensou em seu arquivo um registro

da Batalha de Avaí, na qual o general Barão de Triunfo flanqueava o exército inimigo, “com uma impetuosa carga de cavalaria”.

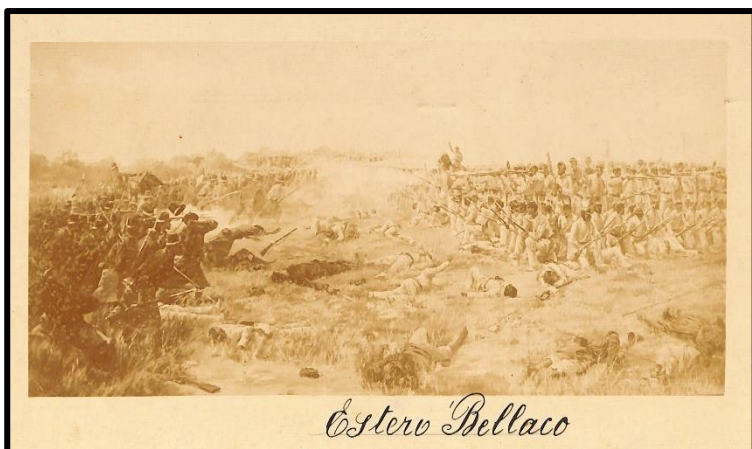


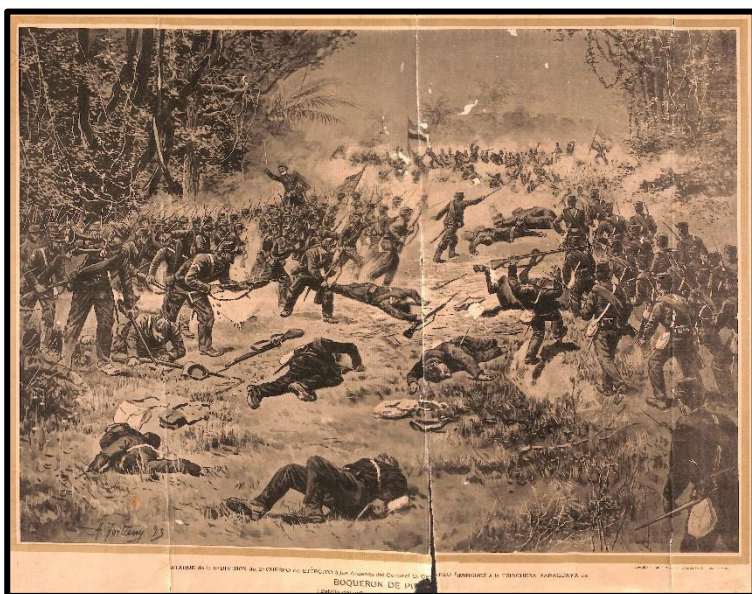
As refregas de infantaria se fizeram igualmente nos registros em pauta. Nessa linha, *A Sentinela do Sul*

narrava acerca da “Surpresa de Tuiuti”, considerando que já pertencia à história, aquele “esplêndido triunfo alcançado pelos brasileiros”, que, surpreendidos e em menor número, teriam vencido os adversários, apresentando uma “estampa” intitulada “Episódio da Batalha de Tuiuti”, que seria “digna de apreciar-se”, pois representaria “uma página e quiçá uma das maiores glórias” da “história brasileira” (23 fev. 1868). Montenegro, que cursara a Escola Militar de Porto Alegre e servira nas fileiras do exército, tinha conhecimento de causa sobre técnicas e táticas militares, de modo que, acerca da infantaria colecionou ilustrações sobre a Batalha de Estero Bellaco, o ataque paraguaio na Batalha de Ita-Ivaté, a Batalha de Boqueirão de Piris e a Batalha de Tuiuti.



A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO
MONTENEGRO



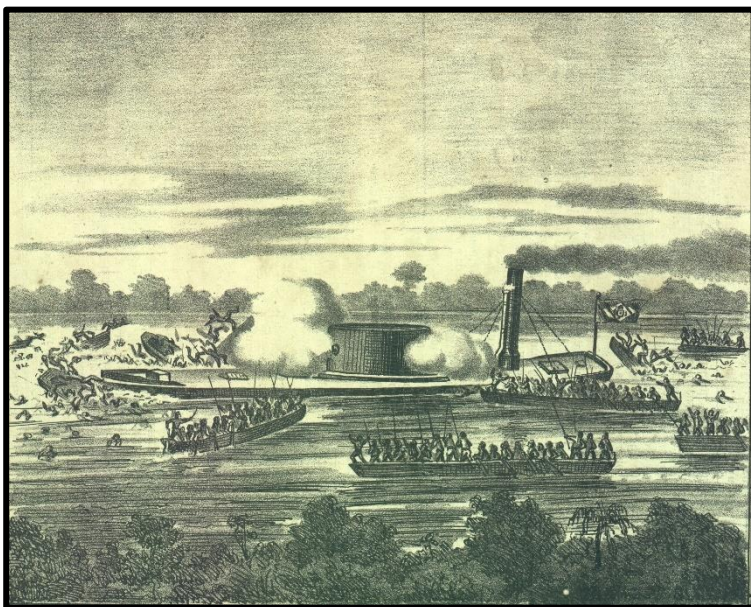
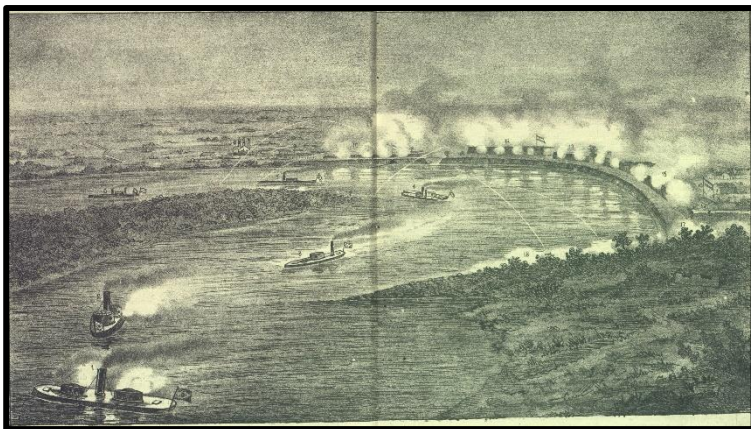


A artilharia pesada, envolvendo o uso de canhões, também fez parte dos registros acerca da Guerra da Tríplice Aliança. Nesse sentido, *A Sentinela do Sul* apresentou gravura representando a “Tomada do Reduto Estabelecimento”, afirmando que tal ação designaria “o triunfo de dois grandes feitos”, ou seja, “a conclusão de uma guerra que tantas mil vidas tem destinado” bem como “a redenção de um povo que vive atado por uma vil tirania”. O episódio era descrito como um “faustoso acontecimento”, no qual ficara comprovada a “nobre audácia dos soldados brasileiros” e de seus “exemplos heroicos” diante do “altar da pátria”, frente ao qual “o martírio é uma virtude” e “uma glória heroica”. O periódico chamava atenção dos leitores para aquela batalha porque ela seria “digna da sua admiração”, pois representava “um feito histórico” e “uma grande vitória” para o “vasto e rico Império, fadado pela providência” a “ser o garantidor da liberdade e da ordem da América meridional” (29 mar. 1868). Na mesma linha, o arquivo de Arthur Montenegro compreendia ilustração sobre a Batalha de Tuiuti, em 24 de maio de 1866, mostrando “episódio da artilharia oriental”.

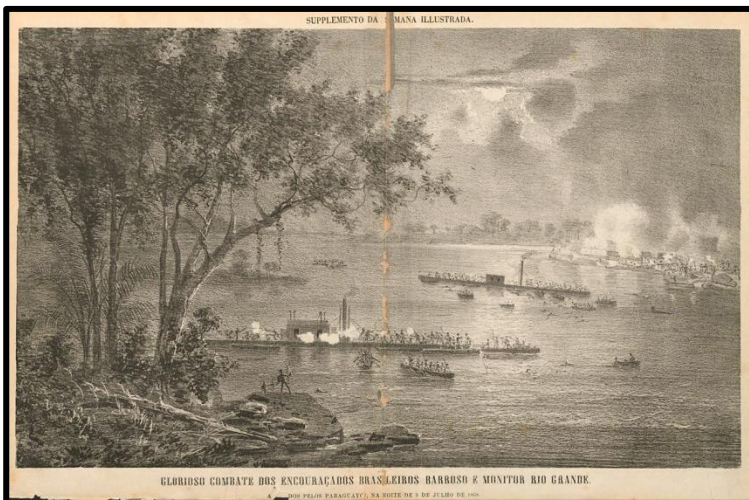
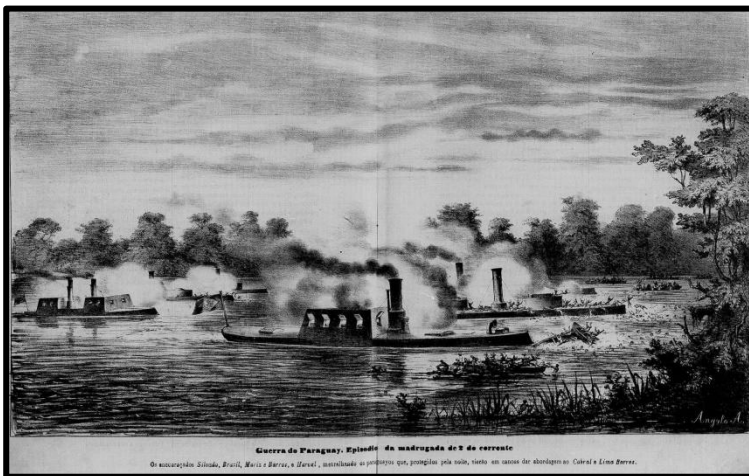


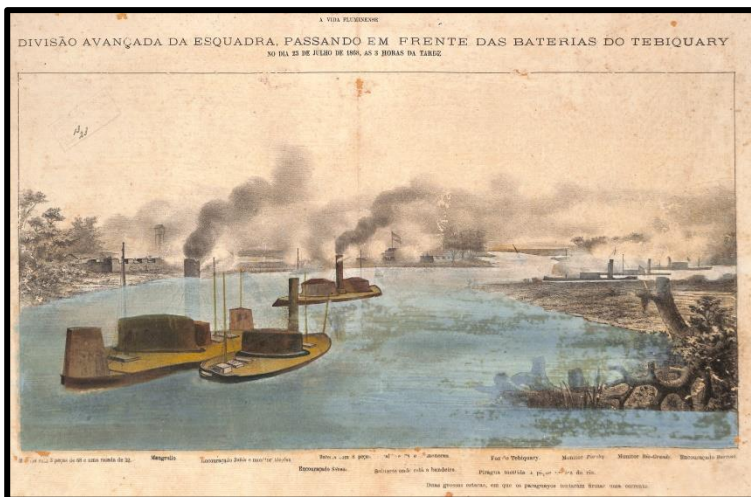
'Batalla de Guyuti'
24 de Mayo de 1866
Episodio de la Artillería Oriental

As operações navais também estiveram dentre a área de cobertura noticiosa da *Sentinela do Sul*. De acordo com tal perspectiva, o periódico trouxe em suas páginas a “Passagem de Humaitá”, qualificada como “uma epígrafe que simboliza uma grande vitória” e “uma vitória que nobilita a esquadra brasileira”, considerada “valente como a melhor esquadra do mundo”, pois “aniquilou o orgulho paraguaio e captou a admiração de todos”. Segundo o semanário, aquele evento “quebrou o orgulho do tirano que envergonha o século” e “ergueu bem alto o nome brasileiro para todos verem nele o tipo de abnegação e do heroísmo”. A publicação acreditava que todos teriam orgulho em possuir aquela estampa, ficando o público “orientado desse grande acontecimento, que tanto ensoberbece o orgulho nacional” (5 abr. 1868). O periódico mostraria também desenho retratando “canoas paraguaias dando abordagem ao monitor Alagoas”, caracterizado como “um dos mais ricos episódios havidos na guerra” e uma “luta sublime”, encerrando um fato “glorioso para o Brasil” e “horrível para o inimigo” e constituindo uma página “das mais gloriosas” para o país (12 abr. 1868). Também acerca dos movimentos navais, Montenegro que fora marinheiro na juventude e chegara realizar parcialmente curso para piloto, trouxe para a sua coleção, entre outros registros, “Passagem do Humaitá”, “Combate dos Encouraçados Barroso e Monitor Rio Grande” e “Divisão avançada da esquadra – Tebiguary”.



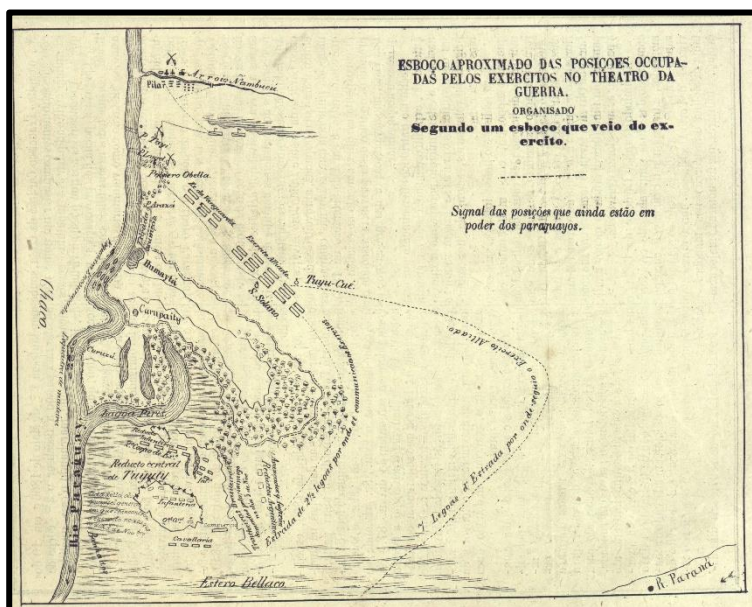
A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO MONTENEGRO

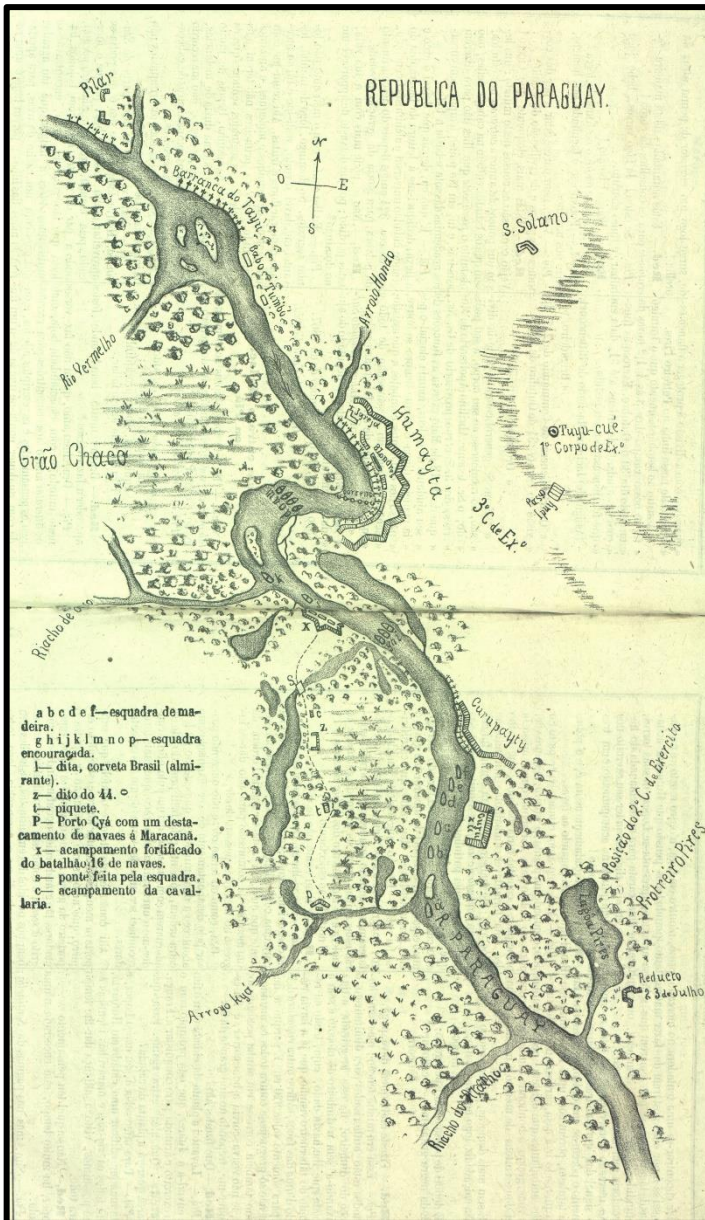




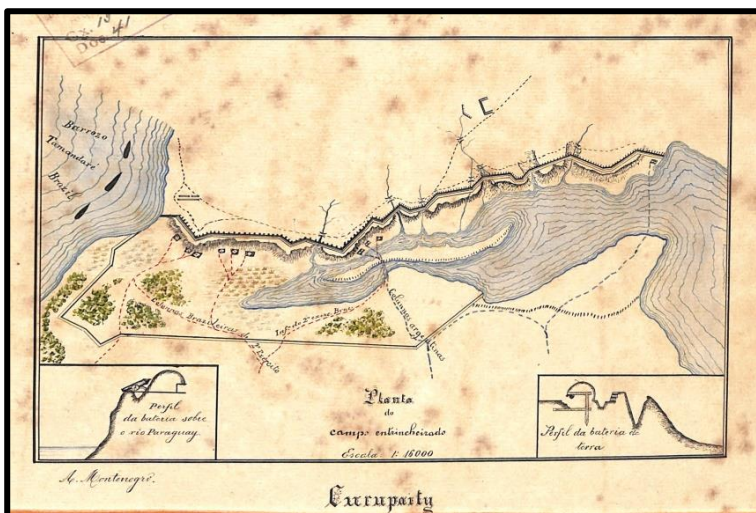
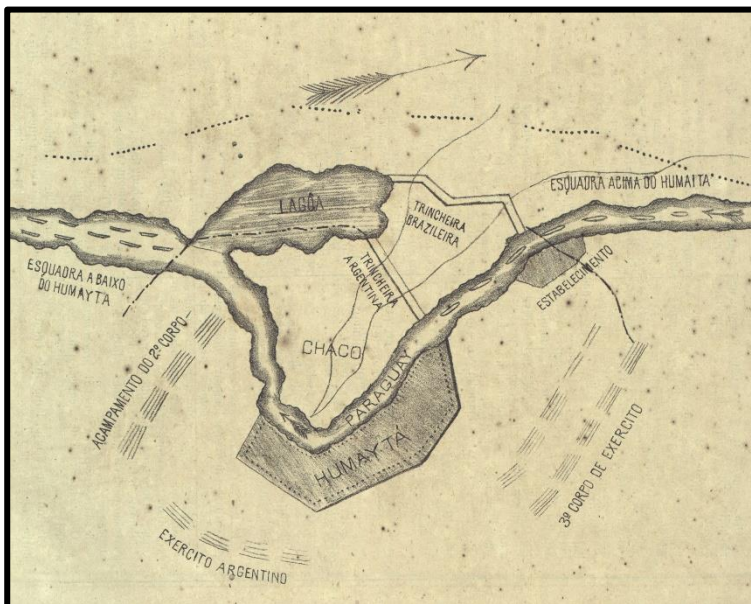
Mapas e plantas também se tornaram comuns nas páginas da *Sentinela do Sul*, visando a demonstrar graficamente as operações bélicas que se desenvolviam no território inimigo, como foi o caso de um “esboço aproximado das posições ocupadas pelos exércitos no teatro da guerra” (24 nov. 1867). Uma outra planta buscava demonstrar a distribuição das forças brasileiras ao longo do território paraguaio (19 jan. 1868). Ainda quanto aos registros do cenário bélico, a folha estamparia uma “Planta do teatro de guerra”, chamando atenção para tal esboço que daria “ideia clara e muito precisa” das posições ocupadas por aliados e paraguaios. Para o periódico, tal planta era do “maior interesse”, uma vez que naquele mesmo terreno viria a ser “pelejada uma ação, senão decisiva, pelo menos muito importante” e que poderia “decisivamente influir sobre o futuro da guerra” (14 jun. 1868). O recurso gráfico de plantas e mapas também estiveram presentes na

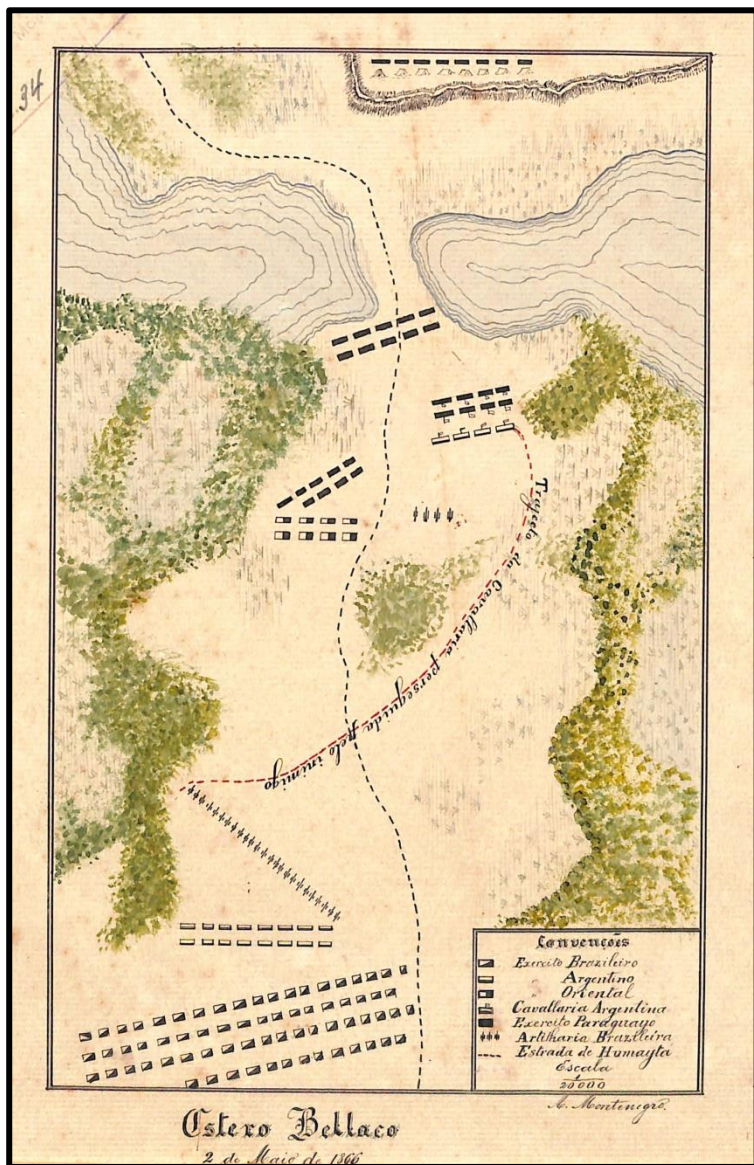
documentação de Arthur Montenegro, compreendo inclusive desenhos de sua autoria, revelando seu dom para as lides cartográficas, bem de acordo com a sua intenção de organizar um atlas dentre os volumes que compreenderia a sua *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*. Nessa perspectiva, o pesquisador elaborou: “Planta do campo entrincheirado de Curupaiti”; “Estero Bellaco”; “Marchas de concentração dos exércitos aliados”; “Passagem do Tebiquary”; “Itinerários de uma expedição brasileira para a guerra”; “Planta do território inimigo ocupado pelos aliados”; “Marchas do 2º Corpo do Exército do Rio Uruguai ao Paraná”; “Planta do campo entrincheirado de Tuiuti”; e “Assédio de Uruguaiana - posição dos aliados”.



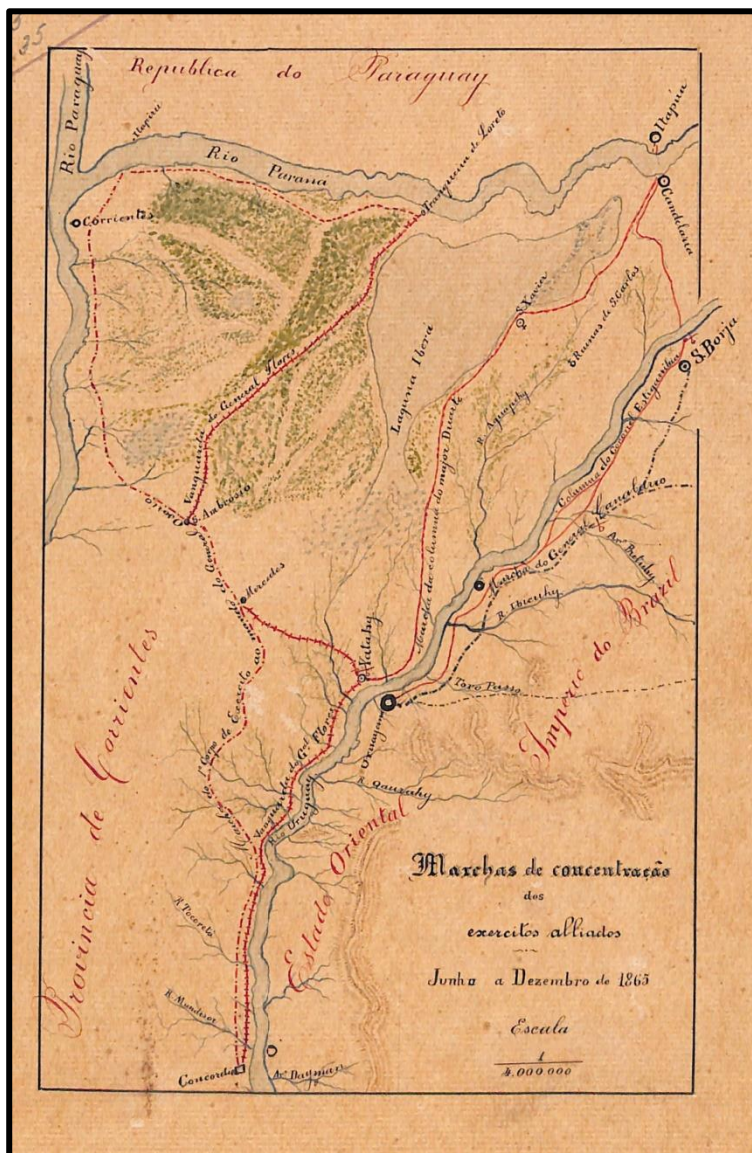


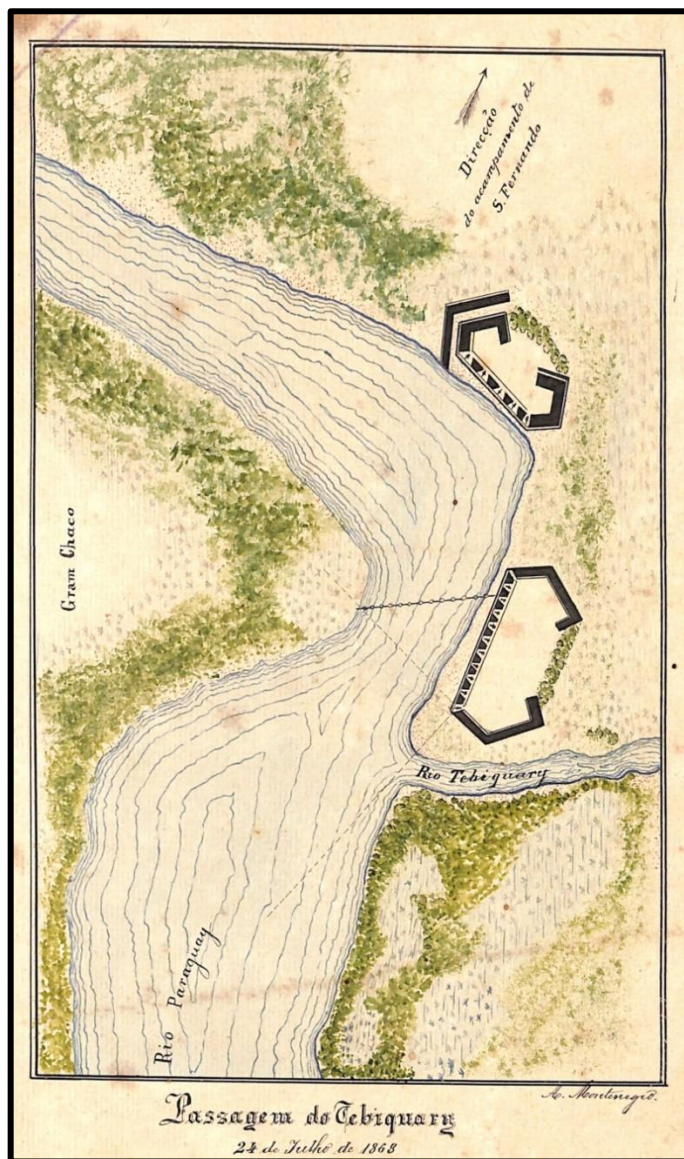
A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO MONTENEGRO



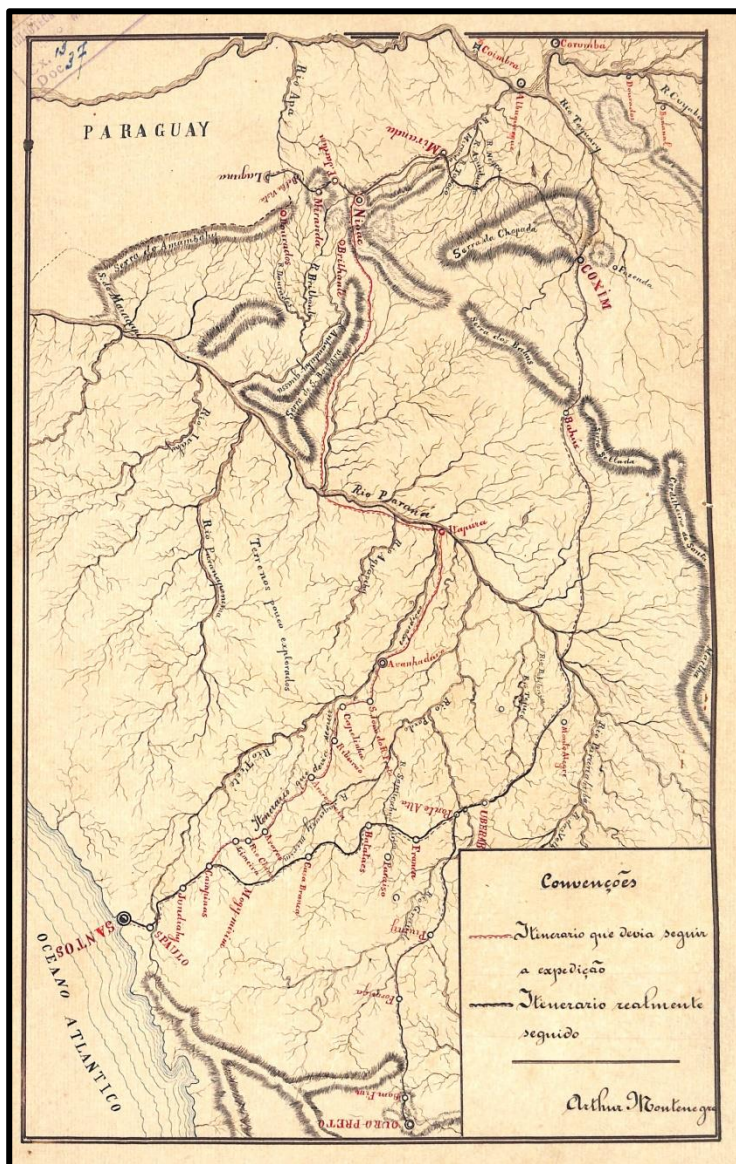


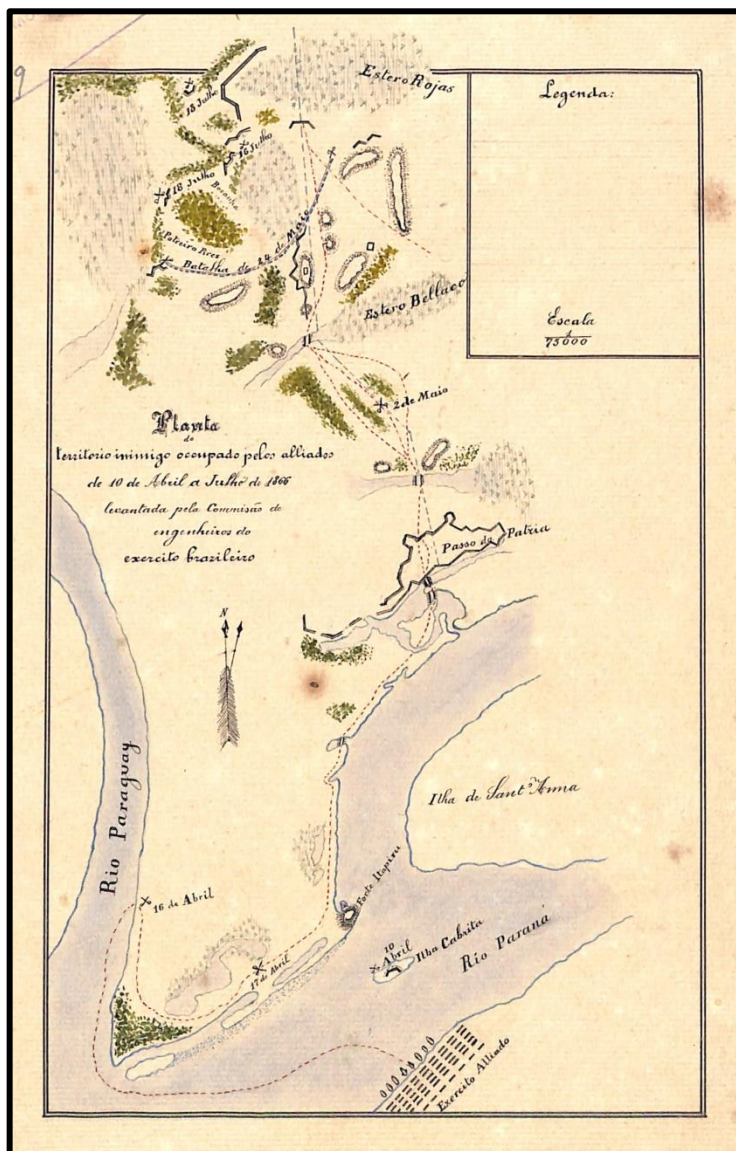
A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO MONTENEGRO

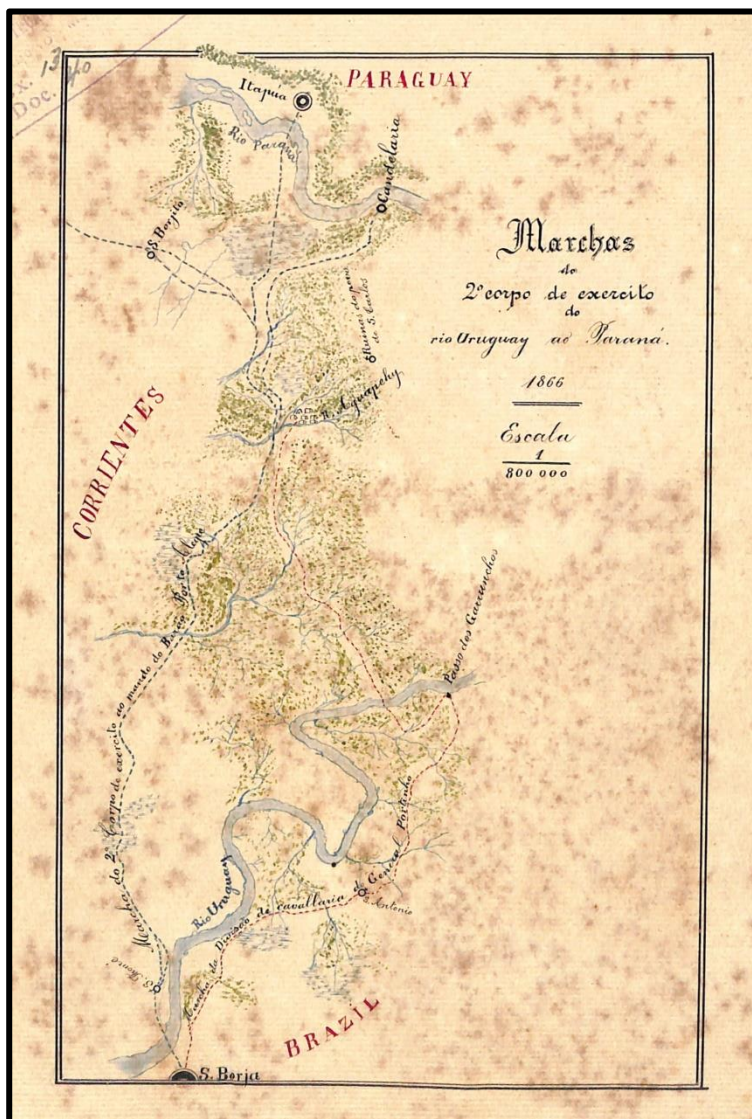


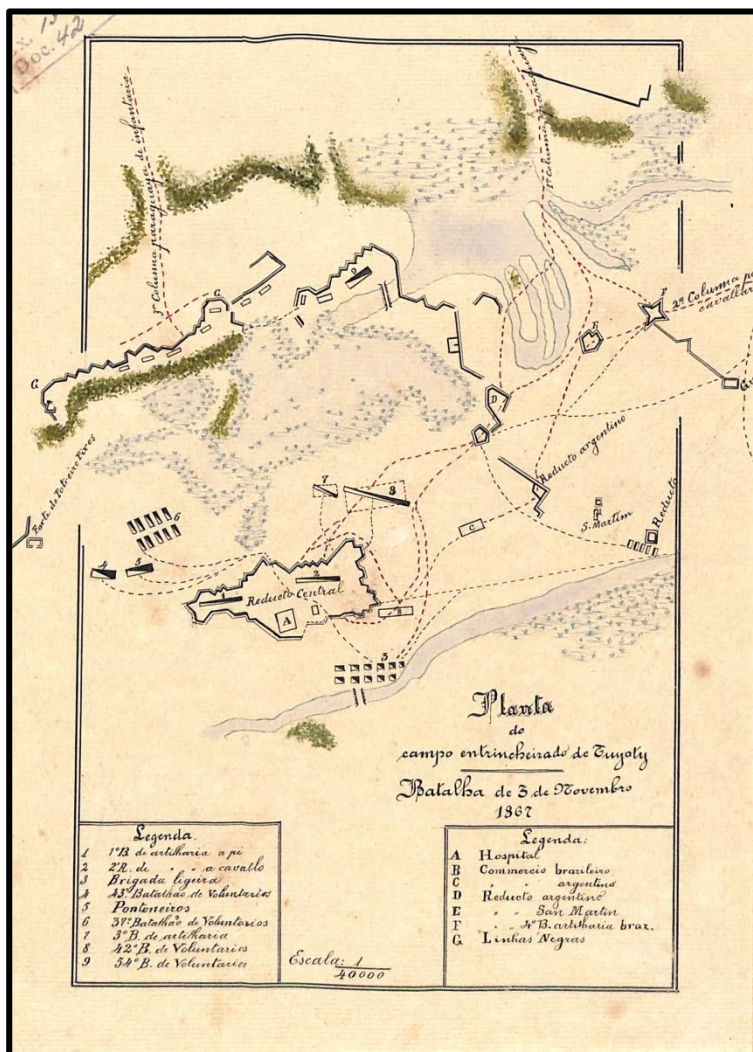


A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO MONTENEGRO

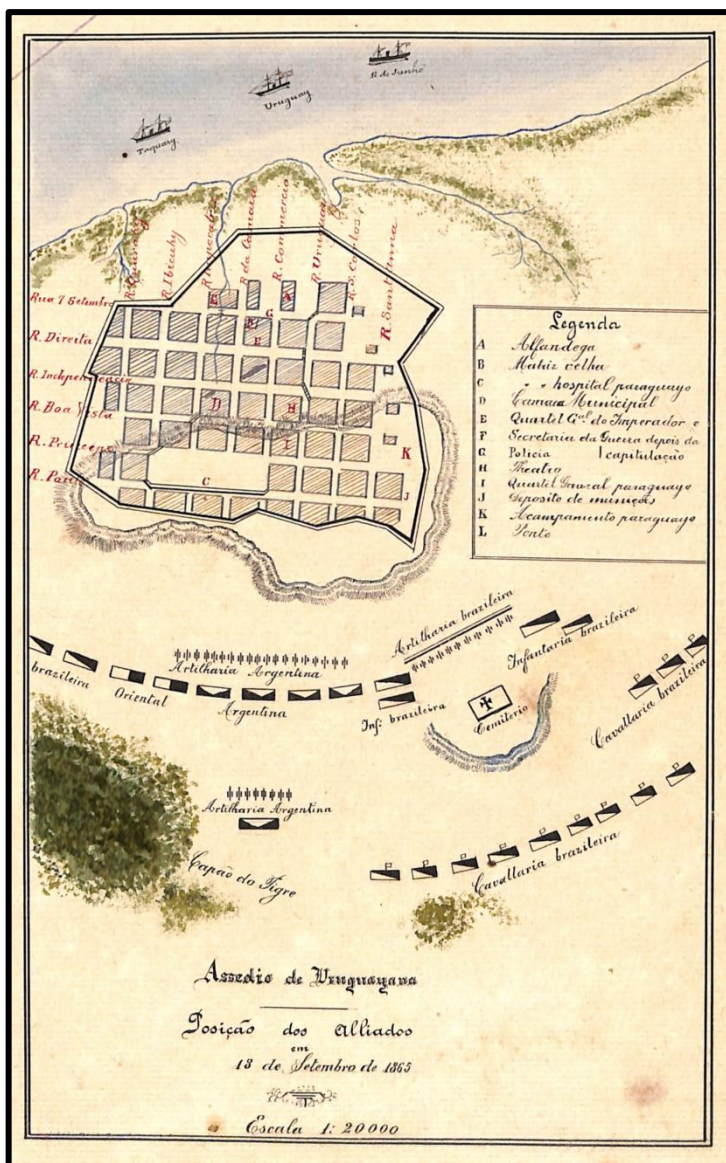








A GUERRA DO PARAGUAI NA IMPRENSA ILUSTRADA E NO ARQUIVO MONTENEGRO



Assim, em tempos diferentes e com escopos próprios, *A Sentinela do Sul* e José Arthur Montenegro tiveram por foco de suas atenções a Guerra do Paraguai. A publicação ilustrada, desde o seu número original, garantiu que “as honras, as glórias, as alegrias da pátria” achariam “eco fiel” nas suas páginas, uma vez que se esforçaria “para dar aos seus leitores não só os retratos e biografias dos pró-homens da época e da situação guerreira, mas também vistas do teatro da guerra” (7 jul. 1867), vindo, ao longo de suas edições, a cumprir cabalmente tal promessa. O historiador, por sua vez, comentou que estava “disposto a dedicar toda a minha vida, contanto” que ao entregar sua obra “ao público possa dizer: ‘eis a última palavra sobre a tremenda epopeia que dignificou minha pátria em cinco anos de luta contra a tirania’”³³, em um esforço que desempenhou até o seu falecimento. O semanário foi contemporâneo do confronto internacional e buscou trazer informes sobre o mesmo para o seu público. Já o pesquisador lançou-se ao estudo do conflito mais de duas décadas depois de seu encerramento, com o intuito de prover seus leitores em potencial de elucidações acerca do que ocorrera no embate com o país guarani. No enfoque de ambos, a valorização da causa nacional, a partir de

³³ Citado por BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. 4, p. 320.

uma perspectiva cívico-patriótica e a busca pela heroicização dos militares brasileiros foram abordagens recorrentes. Para atingir tais intentos, a imagem foi um recurso fundamental, como era rotineiro para os periódicos do gênero ilustrado, e como fazia parte das intenções do estudioso, ao estabelecer a coleção documental em prol de sua criação histórica. Este estudo constitui uma breve amostragem de tais pontos de interseção no que tange ao expediente imagético entre as ilustrações da *Sentinela do Sul* e o arquivo edificado por Montenegro.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação peneada em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**



ISBN: 978-65-5306-137-8